

GUSTAVO
PINTO DA SILVA

LEANDRO
MAGON

GISÉLIA
PEREIRA MORIN

CRISTIANO DE
AVILA DOTTO

**PRODUÇÃO DE OVOS COLONIAIS NA
REGIÃO CENTRAL DO RIO GRANDE DO SUL:
ALGUNS APONTAMENTOS INICIAIS**



GUSTAVO
PINTO DA SILVA

LEANDRO
MAGON

GISÉLIA
PEREIRA MORIN

CRISTIANO DE
AVILA DOTTO

**PRODUÇÃO DE OVOS COLONIAIS NA
REGIÃO CENTRAL DO RIO GRANDE DO SUL:
ALGUNS APONTAMENTOS INICIAIS**



1º edição

ANO DE PUBLICAÇÃO
2020

**DIAGRAMAÇÃO, CAPA
E PROJETO GRÁFICO**
Giulia Ocaña

DIRETOR GERAL
Valmir Aita

VICE-DIRETOR
Marta Von Ende

DIRETOR DE ENSINO
Moacir Bolzan

**DIRETOR DE
ADMINISTRAÇÃO
E PLANEJAMENTO**
Cristiano Barros

**DIRETOR DE PESQUISA
E EXTENSÃO**
Alessandro Carvalho Miola

**DIRETOR DE
INFRAESTRUTURA**
Olney Machado Meneghello

**CONSELHO EDITORIAL
DA CESPOL**

Cândida Martins Pinto
Claire Delfini Viana Cardoso
Cláudia Letícia de
Castro do Amaral
Daniel Lichtnow
Fabiana Alves Stecca
Hazael Soranzo de Almeida
Jaime Peixoto Stecca
Luciano Zucuni Pes
Márcia Lenir Gerhardt
Márcio Viera
Marlene Terezinha Lovatto
Marta Von Ende
Régis Moreira Reis
Valmir Aita

**REVISÃO DA
LÍNGUA PORTUGUESA**
Gisélia Pereira Morin

PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA ORIUNDA A PARTIR DAS ATIVIDADES
DOS PROJETOS DE EXTENSÃO POLIFEIRA DO AGRICULTOR E
PROJETO OVOS COLONIAIS NA REGIÃO CENTRAL.

São de responsabilidade exclusiva dos autores a precisão e
a validade dos dados e informações, assim como as opiniões
expressadas no texto, não manifestando necessariamente o
ponto de vista da Universidade Federal de Santa Maria ou da
Editora da CESPOL.

©Gustavo Pinto da Silva, Leandro Magon, Gisélia Pereira Morin,
Cristiano de Avila Dotto.

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta publicação,
em qualquer meio, sem a permissão prévia dos autores.

DIREITOS RESERVADOS A:

Editora da CESPOL

Av. Roraima, nº 1000, Campus UFSM, Prédio 70,
CEP: 97105-900, Bairro Camobi, Santa Maria - RS
Telefone: (55) 3220-8273

[Home page](#)

[E-mail](#)

P963 Produção de ovos coloniais na Região Central do Rio Grande do Sul
[recurso eletrônico] : alguns apontamentos iniciais / org. Gustavo
Pinto da Silva ... [et al]. – Santa Maria : CESPOL,
2021.
1 e-book : il.

ISBN DIGITAL 978-65-990392-2-5

1. Ovos coloniais 2. Agricultura familiar 3. Formalização
4. Região Central do RS I. Silva, Gustavo Pinto da II. Cooperativa
dos Estudantes do Colégio Politécnico da UFSM

CDU 637.4

Ficha catalográfica elaborada por Margaret Basso – CRB 10/1508

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	8
2. O PROJETO POLIFEIRA DO AGRICULTOR E O PROJETO PRODUÇÃO DE OVOS COLONIAIS	10
3. AS PERSPECTIVAS PARA A PRODUÇÃO DE OVOS COLONIAIS.....	12
4. OS PRINCIPAIS DESAFIOS PARA A PRODUÇÃO DE OVOS COLONIAIS	16
4.1. O SISTEMA DE PRODUÇÃO	16
4.2. ITENS IMPORTANTES PARA INICIAR A PRODUÇÃO	19
4.3. INVESTIMENTO INICIAL E CUSTOS DE PRODUÇÃO	25
4.4. QUESTÕES DE FORMALIZAÇÃO.....	26
4.5. PENSANDO OS MERCADOS	28
4.5. COMUNICAÇÃO E MARKETING	30
5. O PROCESSO DE CADASTRO AVÍCOLA OU REGISTRO DE UMA GRANJA DE OVOS COLONIAIS.....	34
5.1. RESPONSABILIDADE TÉCNICA E RELAÇÃO COM ÓRGÃOS DE FISCALIZAÇÃO E DE CONTROLE	34
5.2. CONSTRUÇÕES E INSTALAÇÕES	34
5.3. PROCESSO DE REGISTRO.....	41
6. A ESTRUTURAÇÃO DA PRODUÇÃO DE OVOS COLONIAIS NA REGIÃO DE SANTA MARIA - RS	46
6.1. AS UNIDADES DE INSPEÇÃO.....	46
6.2. AS UNIDADES DE PRODUÇÃO	48
6.2. AS UNIDADES DE COMERCIALIZAÇÃO	52
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53

Sinto-me honrado pelo convite formulado pelos autores deste Material Instrucional, coordenadores e equipe do “Projeto Polifeira do Agricultor” da Universidade Federal de Santa Maria, para prefaciá-lo este belo e educativo trabalho, que concretiza mais um passo à frente deste Projeto, aliás um Projeto que já é sucesso de organização e cooperação multidisciplinar, modelo e referência para outras instituições. Também agradeço a oportunidade de apresentar alguns rápidos comentários sobre a avicultura colonial e as atividades do “Projeto Polifeira do Agricultor”, que acreditamos passa a ser inserido na história da agricultura familiar do RS.

Em um breve retorno ao passado, sabe-se que a partir do final da Segunda Guerra Mundial (1939-45), o Brasil que se firmara como exportador de carnes e alimentos para a Europa começou a instalar novos padrões sanitários para produtos de origem animal. Essas novas exigências sanitárias configuraram-se em muitos casos, especialmente para os médios e pequenos empresários ou agricultores familiares, que detinham pequenas plantas de processamento, em barreiras intransponíveis. Muitos destes estabelecimentos nas zonas rurais não possuíam sequer eletricidade, sendo impossível a instalação de estruturas de resfriamento/congelamento de carnes, que era então uma das principais tecnologias nos novos frigoríficos.

Posteriormente, com a Revolução Verde, a avicultura brasileira, especialmente a partir dos anos 1960, começou a apresentar uma maior organização do setor com conseqüente maior oferta de ovos e carne de frango tornando os produtos da avicultura industrial mais acessíveis aos consumidores. São fatores-chaves neste processo a sempre crescente disponibilidade de milho e soja, o grande mercado nacional, a pesquisa especialmente nas áreas de genética e nutrição, melhorando os resultados técnicos, com melhor conversão alimentar, menor tempo de criação, vacinações e cuidados de biossegurança. As mudanças no manejo, instalações e capacitação técnica de criadores, gerentes e funcionários afins da atividade contribuem também para este desenvolvimento. A disponibilidade de crédito agrícola subsidiado e políticas públicas direcionadas para a expansão do setor, somadas ao suporte técnico à campo, acabaram por consolidar a avicultura brasileira no cenário internacional, sendo o Brasil o maior exportador mundial de carne de frangos (2019). Em termos de ovos a produção nacional é quase totalmente destinada ao mercado interno, com grande potencial para a produção avícola na região de Santa Maria, onde se insere o Projeto Polifeira do Agricultor, bem como para o RS, especialmente para ovos coloniais, orgânicos ou agroecológicos.

Entretanto a agricultura familiar em sua grande maioria ficou de fora deste desenvolvimento da avicultura industrial, bem como tornou-se difícil sua inserção na maioria das atividades de processamento da produção animal (ovos, carnes, leite e derivados, mel, etc.).

A necessidade de maior capacidade financeira, as exigências legais e sanitárias, a dificuldade de captação de créditos para agricultores não integrados, somadas as dificuldade de adoção de um modelo tecnológico orientado para a produção em grande escala, além da falta de capacitação e assistência técnica para os agricultores em geral, contribuíram para afastar os agricultores da avicultura. Dessa forma a avicultura presente na agricultura familiar em geral no Brasil continua sendo o mesmo modelo praticado no início do século XX, basicamente uma atividade de “fundo de quintal”, com tecnologias rudimentares, sem materiais genéticos produtivos, com nutrição centrada quase exclusivamente no milho ou eventuais restos de culturas, geralmente de produção própria, sem maiores finalidades econômicas (com alguma venda eventual e informal) e destinadas a prover um alimento diferenciado em alguns momentos. Neste sentido a elaboração deste trabalho pelo Projeto Polifeira representa uma iniciativa oportuna e de grande valia ao mostrar tecnologias eficazes e de baixo custo para produção colonial e também, especialmente importante, indicar os caminhos para legalização da produção e processamento, permitindo o ingresso na avicultura colonial e a mudança de perfil tecnológico dos avicultores familiares.

Os alimentos produzidos de forma tradicional pela colônia sempre encontraram a simpatia dos consumidores, seja pela origem rural de muitos consumidores, seja pelo menor uso ou ausência de produtos químicos de qualquer natureza, ou pelas características de bem estar animal adotadas no sistema de criação ou ainda pelo estímulo ao desenvolvimento regional. Estas demandas dos consumidores, a necessidade de renda e diversificação de atividades dos agricultores familiares estimularam o desenvolvimento do sistema colonial de produção de ovos, que harmoniza uma proposta técnica adaptada para pequenos lotes de aves, com a qualidade requerida pelos consumidores mais exigentes e com todos os cuidados sanitários devidos.

Este livro também mostra que a avicultura colonial necessita a execução de várias etapas interconectadas, que passam pela capacitação, planejamento, criação dos lotes, suporte técnico, orientação para formalização dos aviários, processamento da produção e finalizam-se com a aceitação pelos consumidores e geração de renda aos agricultores e demais participantes desta rede de atividades. Normalmente os agricultores familiares pela falta de suporte local, encontram dificuldades de todos tipos para sua produção. A existência do “Projeto Polifeira do Agricultor” com uma equipe parceira multidisciplinar, que trabalha muito “afinada” é de enorme importância para o desenvolvimento da agricultura familiar na região de Santa Maria e municípios vizinhos, bem como referência para outras experiências, pelo suporte técnico e organizacional que oferece aos seus participantes e pelo espaço que abre para a produção familiar regional. Ao mesmo tempo aumenta a disponibilidade de produtos diferenciados (ovos coloniais) com cores e aromas típicos da agricultura familiar tradicional, além de naturalmente enriquecidos em nutrientes como ômega 3 e carotenoides, com maior bem estar animal, com cadeias curtas de produção X consumo, agregando benefícios ambientais também demandados por consumidores mais conscientes dos impactos ambientais e sociais decorrente de suas compras de alimentos.

Outro resultado benéfico do “Projeto Polifeira do Agricultor” é a oferta estável de ovos ao longo do ano, ao contrário da produção tradicional, com baixíssima ou nula oferta de ovos no inverno e muitas vezes apenas em determinadas épocas do ano. As informações apresentadas neste livro são altamente relevantes para o sucesso da atividade e contribuem enormemente para aumentar a oferta de material técnico para leitura e orientação a técnicos, agricultores, professores e estudantes.

Estão de parabéns os autores, a equipe e as instituições que compõem o projeto pela qualidade das informações prestadas. Certamente o tempo mostrará o acerto dessa caminhada e os positivos impactos regionais aparecerão em pouco tempo.

Uma boa e feliz caminhada ao Projeto Polifeira do Agricultor!

João Pedro Zabaleta

*Pesquisador em Agroecologia e Avicultura Colonial
Embrapa Clima Temperado - Pelotas*



APRESENTAÇÃO

Este material foi desenvolvido com o intuito de **orientar e de facilitar os processos relacionados à produção e comercialização de ovos caipiras, coloniais ou capoeiras** (ABNT NBR 16437:2016), voltado a atender agricultores familiares da Região Central do Rio Grande do Sul que buscam ingressar na atividade.

Nos últimos anos, tem-se vivenciado um **aumento da procura de alimentos que tenham algum distintivo de qualidade**, seja em função do modo de produção, do não uso de produtos químicos, pelo bem estar dos animais, por ser produzido de maneira artesanal, pela agricultura familiar ou por qualquer outro grupo de pessoas, dentre outros motivos. Neste cenário, a busca da população por melhor qualidade de vida e de saúde tem beneficiado alimentos produzidos de maneira mais natural, contrapondo ao evento da alimentação industrial e processada.

O consumo de ovos tem tido um grande aumento, seja em virtude da busca por alimentos completos e saudáveis, mas também por ser um alimento barato, de fácil acesso para uma boa parte de famílias. No Brasil, estimava-se que em 2020 seriam consumidos 250 ovos por pessoa, 15 a mais do que em 2019. Nesta mesma linha, também se observou um aumento da **procura por ovos coloniais, caipiras e orgânicos**, dentre outros distintivos, remetendo a uma produção por meio de galinhas livres de gaiolas, numa produção orientada pelo bem estar animal. Apesar do consumidor ainda ter dificuldade de fazer certas diferenciações, ele é ávido por esse tipo de informação.

Neste contexto, abriu-se uma oportunidade para apropriação dessa oferta por agricultores familiares, confrontando a vinda desses alimentos para abastecer a demanda da Região Central do Rio Grande do Sul. Segundo a Prefeitura Municipal de Santa Maria, no ano de 2009 eram consumidos 10.036 toneladas de ovos no município, das quais 8.991 toneladas não eram produzidas aqui. Considerando um ovo com 50 gramas, foram compradas 14.985.000 dúzias. Segundo um trabalho realizado pelos estudantes do curso de Técnico em Agropecuária do Colégio Politécnico da UFSM entre os anos de 2017 e 2019, coordenado pelo primeiro autor deste material, a distância média das marcas encontradas nos supermercados de Santa Maria foram de 263,6 km, 409,1 km e 315,4 para os supermercados locais, regionais e transnacionais, respectivamente. Entenda-se como supermercados locais aqueles que não estão centralizados em uma rede, sendo que as estratégias de compra e venda dependem de um único empresário. Os supermercados regionais são as redes que compram mercadorias em conjunto. Já as transnacionais são as grandes lojas de supermercados com capital externo.

Ainda de acordo com o trabalho, foram encontradas 15 marcas diferentes de ovos, sendo que provenientes de Santa Maria somente haviam ovos caipiras, oriundos do mercado informal. Todos os demais eram de granjas distantes, sendo que a granja mais próxima está distante 223 km de Santa Maria. A marca com maior presença no mercado foi encontrada em 17 supermercados diferentes e percorre a distância de 270 km até chegar em Santa Maria.

Portanto, o que se quer chamar atenção é que existem possibilidades de participação dos agricultores familiares na produção de aves de postura, tomando parte dessas oportunidades. Ademais que existam muitos desafios, dentre os quais o próprio distanciamento cultural desse tipo de produção em relação ao que os agricultores familiares fazem, queremos afirmar que em **havendo estratégias bem refletidas, organizando um tipo de produção e comercializando de uma maneira diferente do modelo industrial de produção, acredita-se que se possa tomar parte desse mercado.** Ainda que existam muitos desafios, quando planejados e avaliados sistematicamente, esses podem ser superados. Um dos desafios que se têm é a própria concepção do lugar que a agricultura familiar deve estar em relação à produção de alimentos. Acreditamos que não tem como competir em termos de quantidade de alimentos, mas em termos de qualidade e em uma produção de alimentos saudáveis. É neste debate que estamos procurando nos inserir! Em nossa compreensão, **os alimentos carregam, além de uma composição de mercadoria, levam também um forte conteúdo de valor de uso**, relacionado a essa capacidade de satisfazer o valor de uso.

Este material instrucional busca trazer elementos para a reflexão, de modo a não incorrerem no risco de que esse movimento em torno da produção de um alimento de caráter diferenciado, não se torne apenas um sonho. Assim, nosso intuito, como pessoas que estão vivendo este processo, é trazer pontos para auxiliar nas decisões dos agricultores, suas organizações ou, até mesmo, de outras instituições.

Boa leitura!



O PROJETO POLIFEIRA DO AGRICULTOR E O PROJETO PRODUÇÃO DE OVOS COLONIAIS

A **Polifeira do Agricultor** é um Projeto de Extensão da Universidade Federal de Santa Maria criado no ano de 2017 que busca **aproximar a produção do consumo de alimentos** por meio da remoção dos principais obstáculos que dificultam a comercialização dos mesmos, contando com o envolvimento da comunidade acadêmica em torno das questões agroalimentares.

Neste contexto, a feira livre se tornou o último momento do projeto como um todo, sendo que a maior parte do trabalho se dá antes da comercialização. Destaca-se uma equipe de técnicos, alunos e servidores da Universidade Federal de Santa Maria, da Prefeitura de Santa Maria, da EMATER-RS/ASCAR, da CESPOL, e de empresas privadas que vão removendo dificuldades e criando pontes para a evolução das atividades dos agricultores. **Todo o processo de orientação técnica segue a linha de uma produção limpa, sem a presença de insumos industriais, seja na produção de alimentos in natura, seja de alimentos processados.**

O alimento **ovo colonial é um dos mais procurados** em uma feira livre, já que costumeiramente se comprava dos agricultores familiares, provindo de aves criadas livres e se alimentando com alimentos naturais. Todavia, ovos sem passar por serviços de inspeção sanitária são proibidos de serem comercializados, haja visto que a legislação considera o risco sanitário quando não produzidos em condições avaliadas previamente e dadas como adequadas. Inúmeros casos de salmonelose, por exemplo, são relatadas em trabalhos científicos, mas também pela própria mídia.

Neste contexto, em maio de 2019, o projeto Polifeira do Agricultor inseriu-se nessa discussão quando, fomentado pela técnica Lidiane Vieira Machado do Serviço de Inspeção Municipal de Santa Maria, foi realizada uma visita a Embrapa Clima Temperado e avicultores do município de Canguçu. Nessa oportunidade, por meio do Pesquisador João Pedro Zabaletta, tivemos a oportunidade de conhecer os sistemas de **produção de avicultura colonial livres de gaiolas**, o entreposto de ovos da Escola Técnica Estadual de Canguçu e conversar com os agricultores.

Com a definição de levar adiante o projeto, começou-se a organizar um grupo de avicultores, com mais uma visita aos **Ovos Agne de Cachoeira do Sul**. Posteriormente, em agosto de 2019, o Colégio Politécnico da UFSM, juntamente com o Serviço de Inspeção Municipal de Santa Maria e com o Escritório Municipal da Emater/RS-ASCAR, organizaram a participação de um grupo de agricultores em um Curso de Avicultura Colonial no Centro de Treinamento da Emater-RS/ASCAR em Canguçu.

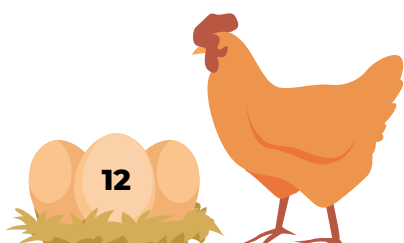
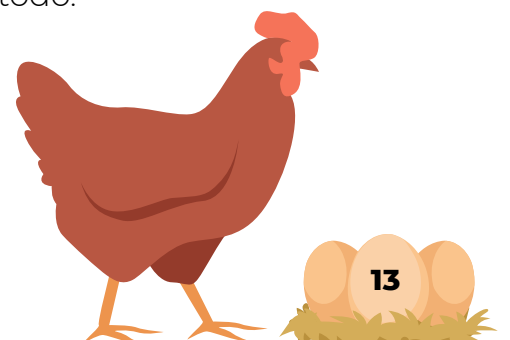




Figura 01: Coordenação, feirantes e bolsistas da Polifeira do Agricultor, juntamente com Lidiane Vieira Machado do Serviço de Inspeção Municipal de Santa Maria e o pesquisador João Pedro Zabaletta, por ocasião da visita técnica. Fonte: Arquivo pessoal da Polifeira.

A partir desse momento e com alguns agricultores investindo em seus aviários, inicia-se a **criação do Entrepasto de Ovos do Colégio Politécnico da UFSM**. Paralelamente, se soma ao pioneirismo do Entrepasto de Ovos Granja Quarta Colônia de Arroio Grande, que recebe o Serviço de Inspeção Municipal em outubro de 2019, mas também por associados da Cooperativa de Produção e Desenvolvimento Rural dos Agricultores Familiares de Santa Maria (Coopercedro). Como responsável técnico da maioria das granjas e grande conhecedor do tema, soma-se à equipe o médico veterinário Leandro Magon, profissional liberal e chefe do Serviço de Inspeção Municipal de São Pedro do Sul.

O resultado é que desse conjunto de esforços estamos chegando a um projeto coletivo e que tende a **contribuir com o desenvolvimento da agricultura familiar e da região**. Aproveitamos para chamar a atenção para o projeto Polifeira do Agricultor, uma iniciativa que teve seu ponto de partida como feira livre na UFSM em abril de 2017 e que tem por objetivo colocar a Universidade Federal de Santa Maria no debate em torno das questões agroalimentares, formar pessoas sensíveis a essa causa, além de se colocar em diálogo com a comunidade. Nesse sentido, mais do que ovos na feira livre, acreditamos estar colaborando de maneira a **articular processos de desenvolvimento que sejam mais sustentáveis** para a agricultura familiar e para a Região Central como um todo.

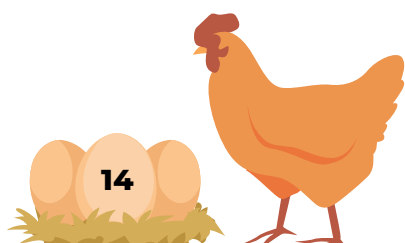


AS PERSPECTIVAS PARA A PRODUÇÃO DE OVOS COLONIAIS

Sabemos que **o ovo é considerado um alimento completo** por possuir proteína de qualidade e alto valor biológico (AGUIAR; ZAFFARI; HÜBSCHER, 2009), além de ser natural e de conter gorduras, vitaminas, minerais e reduzida concentração calórica (AMARAL et al, 2016), como também outros benefícios para a saúde como evidencia a **figura** a seguir.



Figura 2: Benefícios do consumo de ovos.
Fonte: Facebook Polifeira do Agricultor



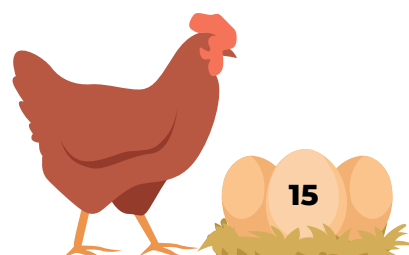
Muitas pessoas têm a crença de que a qualidade nutricional do ovo está relacionada a coloração da casca ou coloração de gema, creditando a **qualidade superior aqueles ovos produzidos por galinhas coloniais**. Todavia, essas características são derivadas da raça da galinha e tipo de dieta recebida (ração, verduras, grama, insetos, etc.) (AMARAL et al, 2016). Mesmo assim, tem crescido a procura por ovos coloniais, por suas características próprias de cor da casca (**figura 3**), cor da gema, mas também na busca por alimentos produzidos mais próximos da condição natural.



Figura 3: Diferença entre cores de casca de ovos.
Fonte: Arquivo pessoal de Leandro Magon.

É crescente a quantidade de pessoas que começaram a se preocupar mais com a **alimentação saudável e natural**, priorizando um sistema onde os animais sejam criados com **bem estar animal**, alimentação mais natural e livres de gaiolas (SANTOS et al. 2011).

Os ovos convencionais, em sua maioria, são oriundos das granjas de sistema intensivo de produção (industrial), com uso de insumos que buscam intensificar a produção, tais como ração com matéria prima sem origem conhecida, antibióticos, coccidiostáticos, estabilizantes, dentre outros. Para intensificar a cor da gema do ovo, é comum o uso de corantes sintéticos, os quais permitem melhora na coloração das gemas em dietas com poucos pigmentos carotenóides.

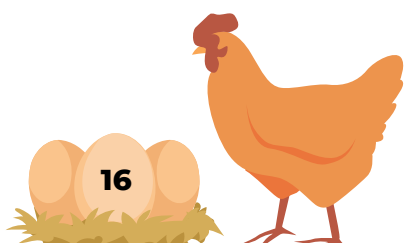


Os animais também são criados em gaiolas, restringindo o comportamento natural do animal de expressar suas características fisiológicas e comportamentais, restritas a um pequeno espaço, somente de alimentação e postura.

Outro aspecto dessas unidades de produção é em relação à concentração de dejetos. Existe **mais facilidade de contaminação do ambiente**, com a presença de resíduos que facilitam a criação e atração de moscas, larvas, insetos, roedores, aves silvestres, dentre outros. São sistemas que garantem facilidade de manejo das aves e das instalações, assemelhando-se a uma indústria de ovos (AMARAL et al., 2016). **As galinhas sofrem com estresses, alimentam-se sem parar, com o mínimo desperdício de ração e produzem o máximo de ovos que sua capacidade genética permite.** Concentradas em pequenos espaços, as galinhas tornam-se verdadeiras fábricas de proteína animal.

Em contrapartida aos ovos convencionais, **os ovos coloniais** possuem uma elevada aceitação no mercado por ser um sistema de produção na qual **preconiza o bem estar animal** em um sistema extensivo ou semi-intensivo. As aves ficam **livres de gaiolas, dispõem de espaço para pastoreio e podem exercer seu comportamento natural, colocar ovos em locais que acham mais apropriado, ciscar no chão, empoleirar-se, tomar banho de sol, receber menor pressão microbiana pela diluição das fezes em área maior, aproximando-se do ambiente mais natural possível** (GALVÃO, 2017). Ademais, permite reduzir o estresse, acarretando em uma menor utilização de medicamentos (AMARAL et al., 2016), na medida em que os animais podem expressar mais suas características, ter mais competências imunológicas, menos estresses e menor desenvolvimento de doenças.

De acordo com Oliveira et al (2015), os ovos coloniais se caracterizam por maior variabilidade em termos de tamanho, cascas mais espessas garantindo a maior proteção do ovo à bactérias e gemas amarelo-escuras, devido à alimentação variada das aves. Apesar de também poder utilizar as rações comerciais, defendemos o **uso de pasto verde, milho, mandioca, batata doce, restos de vegetais do solo**, de modo que confira a galinha um modo de vida mais em contato com a diversidade. Ademais, nestes termos, pela maior presença de carotenóides na alimentação, haverá uma **gema com melhor pigmentação**, conforme pode ser visto pela **figura 4**.



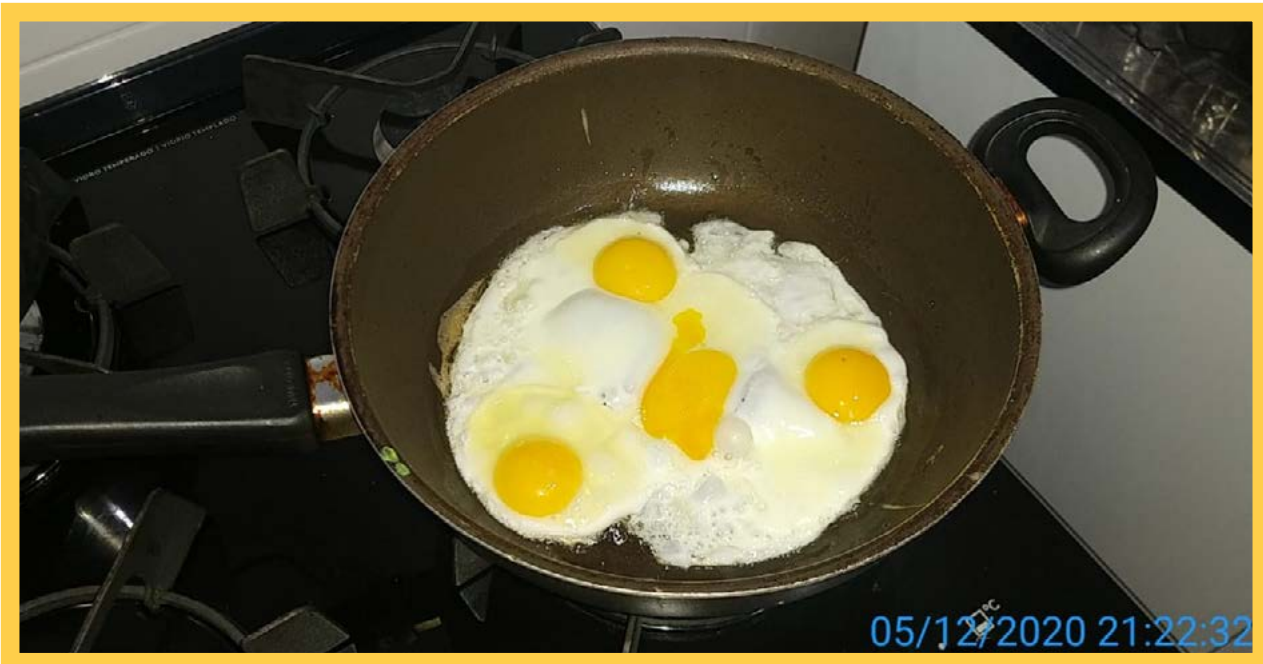
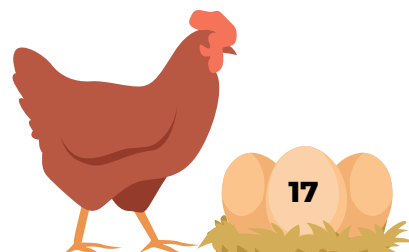


Figura 4: Cor das gemas de ovos coloniais produzidos por galinhas criadas no sistema colonial com piquetes - Granja Avícola Agudense Fonte: Arquivo pessoal de Leandro Magon.

Em uma pesquisa realizada no Rio Grande do Sul que buscava avaliar o aspecto de consumo e perfil dos consumidores de ovos, destacou-se que os consumidores estão buscando adquirir mais ovos coloniais por serem oriundos de uma produção que preconiza **sistemas de produção limpos, livres** e voltados para o bem-estar animal. Em função desse perfil de **consumidor que busca alimentos saudáveis e com procedência conhecida**, acredita-se que a produção permitirá uma diferenciação para as pequenas propriedades que possuem em sua maior parte a **mão de obra familiar e sistemas de produção pouco alinhados à perspectiva industrial**. Em tempos onde existe tanto aperto sobre a renda agrícola, empurrando os agricultores paulatinamente para atividades como a produção de soja e outras commodities, é um desafio para nós encontrar alternativas de geração de trabalho e de renda, especialmente para quem é pequeno agricultor.

Por fim, o centro do trabalho é atender aspectos éticos e morais, por meio de sistemas de produção mais adequados para a produção animal, mas também para as pessoas envolvidas. Segundo Melchior e Pires (2019), esse tipo de produção apresenta pontos positivos como a **valorização do meio ambiente em um sistema produtivo sustentável e valorização da produção oriunda da agricultura familiar**.

Ainda é nosso propósito que **os consumidores sejam pessoas conscientes e reflexivas**, cientes de que ao levar ovos para seus lares estarão contribuindo com um mundo melhor, com um sistema de produção que pode **privilegiar a vida, a diversidade e o desenvolvimento territorial**.



OS PRINCIPAIS DESAFIOS PARA A PRODUÇÃO DE OVOS COLONIAIS

Na sequência, será pontuado algumas questões que devem ser observadas almejando o **sucesso da produção de ovos coloniais**. Inicia-se por uma breve diferenciação entre sistemas de produção, seguida por alguns pontos relevantes e que podem ser predisponentes ao sucesso ou insucesso na atividade. Referem-se a questões sobre produção, formalização, tipos de mercados, comunicação e marketing, custos de produção e comunicação e marketing.

O SISTEMA DE PRODUÇÃO

O ajuste do sistema de produção a ser utilizado para a produção de ovos coloniais sempre é um desafio. Também é um desafio fazer recomendações técnicas como se fosse um livro de receitas, já que se tratam de decisões que obrigatoriamente precisam estar encaixadas na realidade de quem produz. Assim, nosso objetivo aqui é **auxiliar e elencar alguns pontos para reflexão** para que essas decisões sejam bem refletidas e alinhadas com um sistema de produção que se **diferencie do sistema de produção convencional**, mas que também **tenha eficiência econômica**. Neste sentido, é preciso considerar que em se tratando da agricultura familiar da região central, o diferencial na produção de ovos coloniais não é a economia de escala, mas a combinação com outras atividades, buscando complementaridade de produção, menor custo de produção e maior reconhecimento de mercado.

Nosso propósito é apresentar **um sistema de produção com galinhas livres de gaiolas**, preferencialmente soltas em piquetes, em contato diário com a natureza, encaixando-se no Sistema Colonial / Caipira (descrito na sequência). Porém, vale lembrar que existem outros sistemas de produção. Para o melhor entendimento, destacam-se na continuidade os principais sistemas que existem para a produção de ovos:

a) Sistema Industrial: caracteriza-se pela **produção em grande escala, sendo os animais criados em gaiola, na forma de confinamento total**, como demonstra a figura 5. A rentabilidade é dada pelo volume e normalmente a produção é comercializada por mercados convencionais. Custa menos depois da infraestrutura estar toda construída, porém não há bem estar animal e costuma ocorrer problemas ambientais como escorrimentos de água e de fezes nos arredores, proliferação de larvas, de moscas e de mau cheiro. Também tende a ocorrer a atração de aves silvestres em virtude da presença de larvas nas fezes.

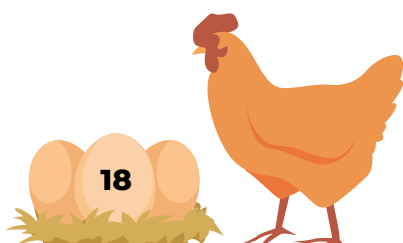


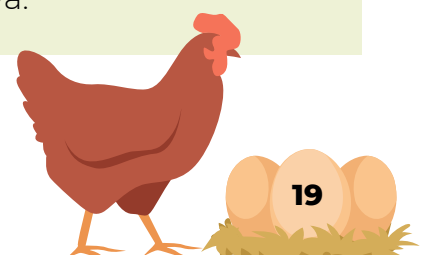


Figura 5: Sistema industrial de produção de ovos convencionais. Fonte: Arquivo pessoal de Leandro Magon.

b) Sistema Livre de Gaiolas (no chão ou sistema cage free): as aves são criadas soltas em um galpão e sem acesso a pasto verde. A diferença em relação ao sistema intensivo é que, nesse caso, **as aves não estão mais em gaiolas, mas ainda não podem expressar suas características naturais.** Os custos de alimentação tendem a ser superiores ao sistema intensivo já que os animais, por estarem livres, tendem a gastar mais energia. São sistemas com menor chance de ter problemas ambientais por não haver acúmulos de água e fezes em demasia causando poluição ambiental. A desvantagem (Figura 6) retirando as aves suspensas e colocando-as em contato com o chão, haverá pouco espaço e ocorrerá excesso de fezes, dando maior incidência de doenças.



Figura 6: Produção de ovos com galinhas livres de gaiolas, mas sem piquetes. Fonte: Arquivo pessoal de Gustavo Pinto da Silva.

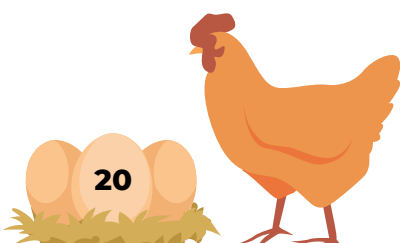


c) Sistema Colonial / Caipira: as aves **são criadas soltas em piquetes**, utilizando um galpão para postura e para alimentação. Existe possibilidade de menor custo de produção por poder substituir um pouco da ração, por pastejo e sobras de hortaliças e/ou outros da propriedade. Outra vantagem, quando comparado ao sistema Livre de Gaiolas, é que como terão acesso a piquetes, a pressão microbiana fica reduzida, pois a distribuição das fezes será em uma área maior (Figura 7). Nesse sistema, as galinhas têm acesso a piquetes durante o dia (e durante toda a fase de produção) e recolhidas à tardinha. Assim, elas podem **expressar suas características naturais**.



Figura 7: Produção de ovos coloniais em sistema de produção livres de gaiolas e com acesso a piquetes. Fonte: Arquivo pessoal de Gustavo Pinto da Silva.

d) Sistema Orgânico: esse sistema **requer atender questões enumeradas nas Instruções Normativas (IN) do MAPA nº 46 de 06/10/2011**, que Estabelece o Regulamento Técnico para os Sistemas Orgânicos de Produção Animal e Vegetal, e da IN n.º 17, de 18/07/2014 . A densidade em área externa, por exemplo, deve ser de 3 m² por galinha em sistema extensivo ou 1 m² disponível por ave no piquete, em sistema rotacionado. Já na área interna esse valor é de 6 aves por m². Ademais, para a produção de ovos orgânicos, exige-se atenção do produtor para vários outros fatores específicos, relacionados aos alimentos e às substâncias permitidas e proibidas, uma alimentação estritamente orgânica, sem nenhum aditivo. O maior desafio é em relação à alimentação, já que além da dificuldade de encontrar os ingredientes da ração eles são mais caros.



Acrescenta-se a isso o **desafio da regularização junto a uma certificadora**, que normalmente está vinculado ao aumento da necessidade de documentação. O mercado está em ascendência, porém mais restrito a centros com maior concentração de consumidores.

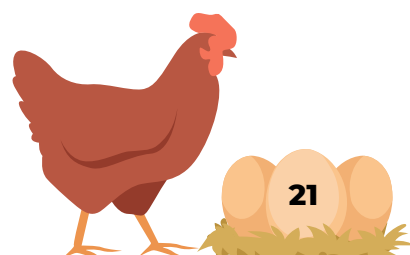
Destaca-se, mais uma vez, que o material instrucional está alinhado a um Sistema de Produção Colonial/Caipira, na qual as aves dispõem de um espaço ao ar livre, piquetes onde podem manifestar o seu comportamento mais naturalmente possível, podendo se alimentar de pasto verde e pegar sol. Assim, considera-se as dificuldades que os agricultores possuem em aderir e fazer uma certificação na produção orgânica, mas também que o modelo de criação não seja esse inerente ao modelo industrial. A **NBR 16437:2016** da Associação Brasileira de Normas Técnicas refere-se à “produção, classificação e identificação do ovo caipira, colonial ou capoeira”. Nela estão definidos os **requisitos para a produção**, classificação e identificação do ovo caipira no sistema semiextensivo. Essa norma preenche o vácuo entre o orgânico e o industrial. Todavia, na prática, o consumidor desconhece as diferenças e ainda tende a se guiar muito pelo preço.

Neste sentido, nossa defesa é de **um sistema de produção com práticas mais alinhadas com a produção alternativa, com uso de, pelo menos, uma parte dos alimentos oriundos da própria propriedade**, podendo comunicar essas informações para os consumidores. Não basta tirar as galinhas das gaiolas, mas criar condições que elas expressem suas características naturais, dentro da busca de um posicionamento de mercado diferente daquele de simplesmente produzir uma matéria prima. Neste sentido, mais do que um processo de produção é necessário um bom posicionamento de mercado. Portanto, acreditamos que estaremos colaborando com algumas questões básicas seja para a sustentabilidade, seja para o bem-estar animal ou, mesmo, para a economia territorial.

ITENS IMPORTANTES PARA INICIAR A PRODUÇÃO

Após a definição do sistema, deve-se pensar no **local de construção do aviário**. Para isso, deve-se ter em mente que a escolha deve ser na **orientação leste oeste**, para que o sol do verão possa correr pela cumeira e no inverno projetar-se para o interior do aviário. Caso contrário, ocorrerão muitos inconvenientes como sol entrando durante o verão para a área onde estarão as aves, a ração, a água, os equipamentos e os funcionários. O sol se projetando para dentro da área construída nos dias de calor, reduz a área sombreada e por conseguinte o conforto térmico para as aves, diminui a qualidade da ração, esquentam a água, resseca equipamentos e deixa o ambiente mais quente para as pessoas que terão que entrar nas instalações.

Verificar a **disponibilidade de água e energia elétrica**, já que são itens importantes ao se tratar de investimento inicial e custos de produção.



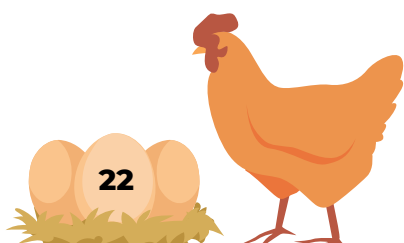
Com relação à área ambiental, cuidar para **não construir muito próximo de Áreas de Preservação Ambiental - APPs** como nascentes, açudes ou cursos de água. O ideal é questionar os órgãos ambientais em relação ao local que seja mais adequado.

Sempre é importante considerar que quanto mais área disponível existir no entorno do galpão com possibilidades para a construção de piquetes, conforme o sistema de criação escolhido, melhor será para o manejo das aves. Haverá necessidade de trocas de piquetes de tempos em tempos, a exemplo do sistema Voisin de produção de ruminantes, **onde haja possibilidade de renovação da vegetação**, de modo que, pela pressão do pastejo das galinhas e das fezes no chão, não vá desaparecendo a vegetação existente e aumentando a pressão de contaminantes no chão.

Ao mesmo tempo, há que se considerar que **as aves precisam de vegetação nova**, pois é muito do rebrote (pontas verdes das plantas) que haverá melhoria da cor da gema do ovo. Nesse contexto está aliado também a escolha de uma boa forrageira, com características relacionadas a vigor, mas também de resistência ao pisoteio.

O local também deve oportunizar um certo **isolamento de outras construções** de modo a possibilitar melhor isolamento sanitário. É muito difícil que os agricultores mantenham todas as instalações limpas e organizadas. Dessa forma, é necessário tomar medidas de **precaução para que as instalações não sejam invadidas por roedores**, pois estes albergam e podem transmitir zoonoses como salmonella, leptospirose e peste bubônica, estragar equipamentos, furar sacos de ração, consumir ração, culminando em prejuízos.

Por outro lado, **o aviário deve estar protegido por cercamento e barreiras sanitárias**, tendo em vista que esse distanciamento também é importante para minimizar o contato de visitas de pessoas alheias, que nestes casos **todos os visitantes devem ser registrados** em caderno específico para este fim, contendo o dia e hora da visita **assegurando maior controle sanitário** ao sistema produtivo ou mesmo relacionadas a falta de cuidados dos proprietários. É importante lembrar que **não podem adentrar aves externas**, sejam galinhas ou aves silvestres que possam trazer algum tipo de doença exótica. Deve-se ainda manter os cuidados para que **não se instalem no aviário ácaros ou outros insetos**, como pulgas, piolhos, bicho de pé, etc. Também é importante esse distanciamento, porque haverá necessidade de **construção de uma composteira** para depositar aves que porventura venham morrer. É recomendado **realizar, diariamente, o recolhimento das aves mortas**, depositá-las em uma bombona e destinar, no final do expediente, à composteira. Destaca-se que, mesmo que esta tenha material que absorva chorumes, como maravalha ou casca de arroz, abaixo e acima das aves mortas, eventualmente, por descuido, ainda podem ter odores não adequados.



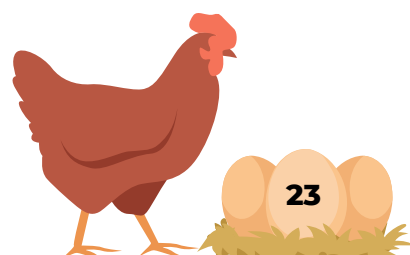
A **propriedade que melhor se encaixa no sistema são aquelas que podem contar com outras atividades produtivas**, tendo em vista que é importante que o sistema de alimentação possa contar com uma diversidade de alimentos para além de uma ração produzida na propriedade ou comprada de um fornecedor idôneo. **Assim, serão beneficiados aqueles produtores que também tem uma lavoura de mandioca, de batata doce, restos culturais de hortaliças, dentre outros.**

Sobre a **oferta de ração**, mencionada anteriormente, cabe destacar que uma dúvida recorrente refere-se a comprar a ração ou elaborar no próprio estabelecimento rural. Antes de mais nada, destaca-se que **fornecer os nutrientes necessários para a ave é uma condição indispensável** para ter uma boa produção de ovos. **Comprar a ração pronta, já elaborada e equilibrada é uma boa forma de minimizar problemas com nutrição dos animais** (pois a falta de nutrientes pode ocasionar problemas como pintos ficarem caídos de lado, dificuldades de locomoção, brotes de coccidiose, ovos com casca fraca, etc.), como também, minimizar problemas práticos de elaboração da ração.

Acontece que, quando o produtor decide fazer, ele transfere parte da renda da venda da produção para aquele que comercializa a ração. Apesar do desafio ser maior, já que tem que articular com outros fatores de produção, como o trabalho, **o ideal é o agricultor elaborar a sua ração, desde que tenha facilidade na obtenção dos ingredientes de formulação.** Entre as opções de produzir sua ração, o produtor deve adquirir o concentrado e adicionar com milho moído. Outra opção **é adquirir todos os ingredientes e realizar a mistura nas proporções corretas conforme orientação de pessoas especializadas na área.**

Outra dúvida bastante pertinente e indispensável para a produção está na **escolha da raça das aves.** Apesar de não haver diferença em relação a qualidade nutricional do ovo, quando tratamos de produção de ovos coloniais temos que convir que **quanto mais diversidade de cores da casca do ovo melhor para trabalhar o mercado junto ao consumidor.** Claro que uma raça de galinha não pode ser escolhida somente pela condição da casca e outros fatores exigem ser considerados, tais como rusticidade, temperamento das aves, consumo de ração, indicadores de produção, dentre outros.

Acreditamos que a **melhor forma de escolha da linhagem é a partir de conversas e visitas com quem já é produtor.** Há a possibilidade inclusive do agricultor criar aves caipiras, sem raça definida, desde que ele faça a chocagem dos ovos, com todas as vacinações inerentes e a garantia de ausência de problemas sanitários.

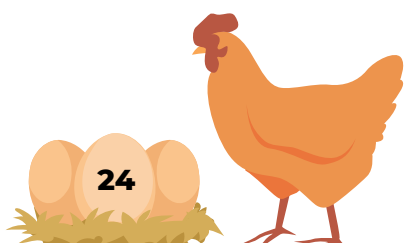


Após a definição da linhagem, outro entrave surge: **comprar os pintos (pintinhas) ou comprar as frangas recriadas**. Comprar as frangas recriadas é uma forma de minimizar as perdas iniciais por mortes precoces (frio, onfalites, coccidiose, etc), bem como de evitar manejos iniciais mais delicados tais como a vacinação. É sabido que o manejo inicial dos pintos com cuidados de alimentação e temperatura se torna uma fase delicada e que nem sempre os agricultores iniciantes conseguem bem gerir.

Ademais, todas **as vacinações requerem a presença de um responsável técnico** com conhecimento na área para definir quais doenças ocorrem desafio na região para então propor a referida proteção. **Especialmente quando se trata de um entreposto de ovos** (estabelecimento avícola que recebe ovos dela própria e, também, de terceiros), esse precisa ter a certeza de que todas as vacinações foram realizadas haja visto que em hipótese alguma pode ter um problema que vá por toda a reputação do trabalho em jogo e aconteça a disseminação de doenças em todos os produtores que enviam seus ovos a determinado entreposto.

Além das vacinações obrigatórias como **Marek e Buba Aviária**, que devem ser aplicadas no incubatório, **Newcastle e Salmonella Enteritidis**, reguladas pelas IN 36, Art. 27 e IN 10 de 11 de Abril de 2013, respectivamente, existem outras que precisam ser realizadas. Recomenda-se a vacinação para **Bronquite, Gumboro, Buba, Encefalomielite, Síndrome de Queda de postura, Coriza, Pneumovirose, dentre outras** que podem ser consideradas de acordo com com o desafio sanitário existente da região onde o aviário está estabelecido. **A recomendação da Embrapa Clima Temperado é sempre comprar pintos de 1 dia e fazer a recria no estabelecimento produtor** para minimizar algumas questões que podem acontecer quando já vem recriados (21 ou mais dias). Algumas questões pontuadas são as seguintes: risco de peso abaixo do ideal em lote sem homogeneidade; não terem recebido todas as vacinas; terem sido recriadas em instalações superpovoadas, por vezes, em contato com ambientes contaminados por doenças, na qual o problema vai aparecer mais adiante; terem recebido rações de qualidade inferior; diferentemente dos incubatórios que são **fiscalizados pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento**, os recriadores e distribuidores muitas vezes não são fiscalizados; além do que, na maioria das vezes, custam mais caro. Portanto, se a decisão for fazer a compra é importante ter em mente essas questões e ter **conhecimento sobre a idoneidade de quem fez essa recria**.

Ao se falar em galinhas, cabe destacar a questão da **debicagem**, nomenclatura para o processo de **cortar ou queimar o bico das galinhas**. A debicagem é uma técnica utilizada visando a redução de comportamentos agressivos das galinhas. Todavia em **sistemas de produção de galinhas livres de gaiola o ideal é que os animais não sejam debicados**, de modo que possam expressar suas características naturais, tal como fazer a escolha dos alimentos que desejam consumir.



Destacamos ainda que, no sistema de produção, é de suma importância refletir e fazer uma **escolha dos equipamentos de maneira a não acarretar em problemas futuros** nas questões de higiene e profilaxia. Com relação aos **bebedouros**, sugerimos a escolha pelo tipo **nipple (Figura 8)**, pois dispensam a limpeza diária, oferecendo às galinhas água limpa e de melhor qualidade. Na estrutura de entrada, pode ser construído um pequeno depósito, tal como do tamanho de uma caixa de água para vaso sanitário, por onde a água passe antes do acesso aos bebedouros, por onde se possam fornecer medicamentos, tais como as homeopatas, alho, ou medicamentos naturais de reconhecido efeito em criações coloniais.



Figura 8: Vista de Bebedouros tipo Nipple.
Fonte: Arquivo pessoal de Leandro Magon.

A tendência é que quando for utilizado **bebedouros pendulares (Figura 9)** a água fornecida às galinhas se torne **suja**, além da **cama ficar molhada**, ocasionando tanto o **transporte de sujeiras** para os ninhos como lesões nas patas das aves e doenças por fungos. Por esse motivo **umenta o trabalho e a necessidade de cuidados por parte dos criadores.**



Figura 9: Vista de Bebedouros pendulares.
Fonte: Arquivo pessoal de Leandro Magon.

Com relação a comedouros existem os tubulares e os automáticos. Os **comedouros tubulares (Figura 10)** exigem mais mão de obra pois necessita o trabalho de colocar a ração nestes de quando em quando e ocupam bem mais espaço.

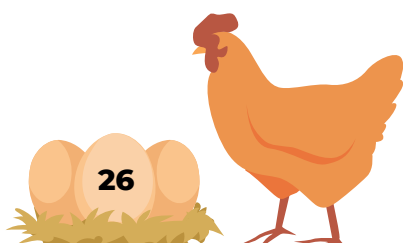


Figura 10: Comedouro Tubular. Fonte: Arquivo pessoal de Leandro Magon.

Já os **comedouros automáticos (Figura 11)**, o abastecimento pode ser autônomo desde que o silo seja conectado via cano de pvc com caracol interno ou semi-automático a partir da caixa de alimentação presente dentro do galpão.



Figura 11: Comedouros automáticos.
Fonte: Arquivo pessoal de Leandro Magon.



Recomenda-se uma **estrutura de aquecimento no interior dos galpões**, especialmente quando se faz a recria das aves de postura desde quando são **pintos de 1 dia**. Nesses casos também será necessário um **pinteiro bem fechado com lona**, já que a falta de condições adequadas de temperatura pode se tornar uma situação complicada para as aves, podendo acarretar mortes ou redução da postura no futuro.

Já se forem **aves recriadas de 3 semanas** o aquecimento praticamente não é necessário exceto no inverno, na qual um **sistema de cortinas presentes e um pinteiro** para aproximar mais as aves já é suficiente.

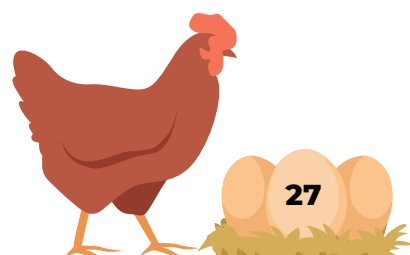
INVESTIMENTO INICIAL E CUSTOS DE PRODUÇÃO

Destaca-se, primeiramente, que ao optar pela produção de ovos coloniais, o produtor terá que **investir em estrutura (galpões) e equipamentos (bebedouros, etc.)**. De nossa parte achamos mais adequado que esses investimentos aproveitem recursos da propriedade, especialmente madeira para construção do galpão e dos ninhos, moirões para cercamento, dentre outros. Mesmo assim, o agricultor precisará adquirir equipamentos, cortinas, encanamentos, telas, pintos ou frangas, dentre outros.

Em referência aos custos de produção, é importante lembrar que eles resultam do nível de tecnologia utilizado e a eficiência no desenvolvimento das atividades na propriedade. Em relação à tecnologia, o principal espaço de manobra está relacionado aos custos de alimentação, razão pela qual se recomenda que os agricultores combinem a produção com outras atividades ou que produzam alguns dos ingredientes básicos da ração. **Um produtor de hortaliças, por exemplo, pode disponibilizar restos culturais para as aves.**

Aqueles que tiverem **áreas de terras disponíveis podem produzir parte do milho** que, posteriormente, vai ser utilizado na ração. **A azola**, planta aquática, é um **bom complemento nutricional proteico** para ser utilizado em situações de produção e pode reduzir o custo com algum alimento mais caro, a exemplo do **farelo de soja que é um alimento básico** na composição da ração.

Os outros custos variáveis, tais como **custos de manutenção de equipamentos, energia elétrica, assistência técnica, funrural, embalagens, entre outros** que, normalmente, não são tão significativos, mas devem ser considerados nas contas e reflexões. Outro custo que pode resultar importante é o de **logística e de transporte**, já que requer sucessivos deslocamentos da produção até o entreposto de ovos e deste para os pontos de venda.



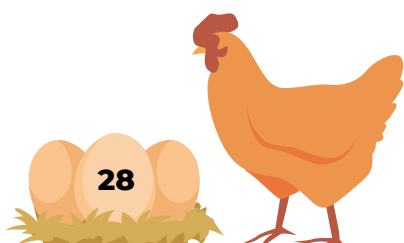
Para **minimizar custos**, o agricultor tem que ter em mente que **quanto mais ele delegar para terceiros atividades que poderia fazer por conta própria, mais terá que transferir renda para outros elos da cadeia**. Dessa forma, acreditar-se que preparar a ração no próprio local, contando que isso reduza gastos e que seja viável, pode significar uma melhor estratégia do que comprar pronta. Todavia, isso é variável em relação à realidade do agricultor, sempre avaliando a disponibilidade de mão de obra e a quantidade de ração requerida.

QUESTÕES DE FORMALIZAÇÃO

Apesar de não ser tão sensível em termos de manipulação, ainda existe o desafio do **ajuste da produção em relação ao registro em um serviço de inspeção**. O tipo de serviço de inspeção a se credenciar é derivado da relação com o local onde se deseja comercializar. Quando o mercado for local o serviço de inspeção pode ser municipal; se deseja comercializar em diferentes municípios da região tem que ser estadual; e se deseja comercializar para fora do estado tem que ser federal. Na prática pela existência do **Sistema Brasileiro de Inspeção de Produtos de Origem Animal (SISBI-POA) e do Sistema Unificado Estadual de Sanidade Agroindustrial Familiar, Artesanal e de Pequeno Porte (SUSAF)**, há uma tendência da regionalização de produtos de origem animal na área de ovos por parte da **Inspetoria Estadual do Rio Grande do Sul**.

Em qualquer um desses sistemas de inspeção tudo começará pela **Inspetoria Veterinária e pelo Serviço de Inspeção Municipal**. A Inspetoria Veterinária será importante especialmente na questão do registro/cadastro da granja para a produção de ovos com caráter comercial e formal. **É impossível produzir ovos com caráter comercial sem registrar a granja** na Inspetoria Veterinária e atender às questões específicas de exigências. Já o Serviço de Inspeção Municipal **é responsável desde o momento em que os ovos precisam ser inspecionados para a comercialização**, seja por meio de uma Casa de Ovos ou por meio de um Entrepósito de Ovos.

A Inspetoria Veterinária está vinculada à Secretaria da Agricultura, Pecuária e Desenvolvimento Rural do Rio Grande do Sul (SEAPDR), com regionalizações em cada região. Já o **Serviço de inspeção municipal é uma incumbência de cada município**, e as regulamentações obedecem a entendimentos da legislação municipal porém não podendo contrariar a legislação Estadual ou Federal. Na casa dos ovos, por exemplo, alguns municípios que tem autonomia para legislar, entendem que pode ser anexo ao aviário; outros entendem que precisa ser separado. **O ideal é que não tenha contato com as sujidades e poeiras que vem das aves**, sendo necessário uma separação bem vedada entre o aviário e a casa do ovo, comunicada apenas por uma janela (óculo) para a passagem dos ovos da granja ao local de manipulação dos ovos.



As **entradas de pessoas**, por sua vez, devem ser separadas, **uma para a casa dos ovos e outra para o aviário, ambas com barreira sanitária para troca de calçados e lavagem de mãos**. O mais importante é que o agricultor mantenha um bom diálogo com esses dois órgãos, buscando inteirar-se da melhor forma de atender as solicitações que são inerentes a cada serviço e que, na verdade, buscam proteger a cadeia de produção como um todo.

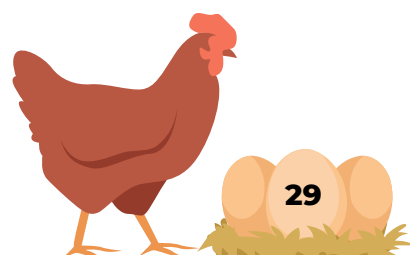
Sobre o local de inspeção dos ovos, existem duas classificações propostas pela SEAPDR:

a) Granja Avícola (Casa de Ovo): entende-se por granjas avícolas, **o estabelecimento destinado à produção**, ovoscopia, classificação, sanitização, acondicionamento, identificação e distribuição dos ovos em natureza, oriundos de produção própria;

b) Entrepasto de Ovos: entende-se por “entrepasto de ovos” **o estabelecimento destinado ao recebimento**, ovoscopia, classificação, sanitização, acondicionamento, identificação e distribuição de ovos em natureza, oriundos de várias granjas.

A casa de ovos é adequada somente quando os agricultores passam a produção própria por dentro dela, sendo vedada completamente o recebimento de ovos de terceiros. Adequa-se naquelas realidades em que o mercado consumidor é significativo no município ou que o Serviço de Inspeção Municipal tenha **aderido ao SUSAF ou SISBI**. Na Região Central é o caso, por exemplo, dos municípios de Restinga Seca e de São João do Polêsine, que em função da adesão ao SUSAF podem comercializar no município de Santa Maria. Dificilmente um produtor viabiliza a comercialização de ovos em Jari, por exemplo, haja visto que tem menos chances de que haja um efetivo de consumidores para comprar a produção. Diferente do caso de Agudo, por exemplo, onde, além de ser uma cidade de maior porte, existem redes de estabelecimentos de alimentação, mercados institucionais, dentre outros. Portanto, o que se quer chamar atenção é, justamente, para a necessidade de olhar para esses detalhes antes de pensar no empreendimento de produção.

Já no caso do **entrepasto de ovos, ele é adequado para receber a produção de diferentes estabelecimentos produtores, podendo, inclusive, ser oriundos de diferentes municípios**. Um produtor pode, por exemplo, ter seu aviário com uma estrutura completa de entreposto de ovos e, nestes casos, prestar serviços para outros aviários. Nesse caso, podem ser estabelecimentos do mesmo município ou limítrofe (adjacentes) com **até 1.000 aves** conforme o **Art. 1º da Instrução normativa 36 de 6/12/2012** ou de cidades não ligadas porém de estabelecimentos **acima de 1.000 aves (com registro) e a depender do entendimento de cada Inspetorias de Defesa Agropecuárias (IDAs) local**.



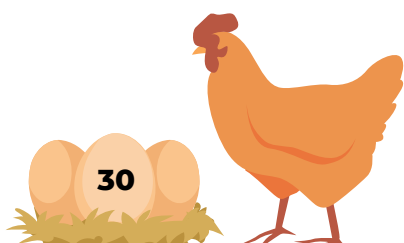
PENSANDO OS MERCADOS

Após os desafios propostos durante o sistema de produção e a adequação à legislação, surgem os **desafios referente ao mercado consumidor**. Acreditamos que, em momento algum, o produtor deve literalmente por todos os “ovos em uma cesta só”. Em termos de mercados, recomendamos que os agricultores **busquem mais de uma forma de comercialização**, levando em consideração que haverá momentos bons e aqueles com maiores desafios. Em momentos poderá sobrar ovos e em outros, faltar, bem como, em determinados momentos a dúzia de ovos poderá ter melhor remuneração do que em outros. Faz-se necessário **considerar o comportamento dos consumidores**, na qual alguns estarão dispostos a pagar mais e, outros, a não pagar tanto. Um restaurante, por exemplo, que processa os ovos e os transforma em outros alimentos, dificilmente estará disposto a pagar mais por uma dúzia de ovos, do que um consumidor que leva para casa, já que acaba onerando seus custos de produção.

O desafio é **ocupar os espaços com uma proposta diferente do convencional**. É necessário mostrar a diferença em relação ao padrão convencional, levando ao consumidor um diferencial no produto. Para isso, deve-se **investir em marketing e propaganda**, de maneira a vender não somente os ovos, mas todas as ideias e valores que emergem por meio da produção de um alimento saudável, oriundo de um processo sustentável, que preserva o bem estar das aves e que se preocupa mais com a qualidade do ovo do que com a quantidade. Ademais, deve-se ressaltar a questão dos agricultores envolvidos, de modo que os consumidores estarão investindo também nos produtores locais, colaborando em resolver problemas sociais e econômicos.

A venda de ovos encaixa-se em diversos mercados, atendendo aos mais diversificados tipos de consumidores. Para melhor orientar os produtores da grande variedade de mercados no qual o produto pode ser inserido, segue características de cada um:

a) Venda direta em Feiras livres: caracteriza-se pela proximidade nas relações comerciais, na qual existe **contato e relação entre produtor e consumidor**. É na feira que o produtor poderá expor seu produto, valendo-se de estratégias que informem o consumidor do produto que está adquirindo e, assim, recomendar e valorizar o ovo colonial. Esse tipo de mercado é mais **apropriado para quem trabalha com pequeno número de aves** onde poderá conseguir um melhor valor de venda, pois estará atentando para a contato e relação direta do produtor com o consumidor e as trocas de informações entre ambos. Esse consumidor normalmente é mais exigente em termos do tipo de alimento que deseja consumir, precisando explorar melhor as informações sobre os diferenciais dos ovos coloniais.

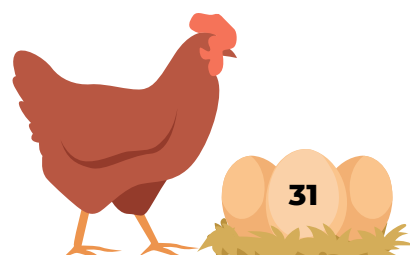


b) Venda em Lojas especializadas: tratam-se de **estabelecimentos comerciais que tem buscado oferecer alimentos de qualidade superior**, voltado para públicos mais exigentes e reflexivos. O maior desafio nesses casos é tratar sobre a forma de comunicação com os consumidores, haja visto que é necessário pensar em **como transmitir esses significados para eles a partir de quem produz**. Neste caso, o produtor estará delegando o processo de relação com os consumidores para outros agentes. Esses devem estar muito comprometidos com o processo como um todo, de modo a saber informar toda a complexidade inerente a produção de ovos coloniais.

c) Venda para supermercados: apesar de haver um movimento de adequação desses estabelecimentos comerciais para comercializar alimentos de qualidade superior, há uma característica na barganha da compra do agricultor, que tende a reduzir o preço pago ao produtor. Neste caso, se, por um lado, há **possibilidades do alimento chegar a um maior número de consumidores, por outro, também há de haver necessidade de trabalhar com preços menores para o ponto de venda**. O que recomendamos é **buscar supermercados que estejam sensíveis a causa de promover a economia de uma região**, e que os agricultores também possam fazer eventos de degustação e mostra dos produtos, já que tem que ressaltar as diferenças e construir o espaço de demanda, no sentido de tomar parte do mercado dos produtores industriais.

d) Venda para mercados institucionais: relaciona-se à **comercialização para alimentação escolar, para presídios, unidades do exército, dentre outros agentes públicos**. Nestes casos, o preço pago ao agricultor é formado a partir de chamada pública, onde são priorizados a compra de organizações de agricultores familiares. Essa forma de venda pode ser uma boa alternativa de comercialização, devendo considerar, porém, o caso de unidades escolares possuírem períodos de recesso escolar e que não haverá consumo. Em relação aos preços praticados, normalmente, eles são inferiores a outros canais de mercado, haja visto que todo o custo de transação é de parte da cooperativa. Por outro lado, é uma boa alternativa, já que representa uma **garantia de venda**.

Em síntese a essa explanação dos mercados aos quais os agricultores poderão comercializar os produtos, o que se deseja é mostrar aos agricultores que cada situação de mercado resulta de condições contextuais e que ele precisa **ponderar o quanto está de acordo a tomar-se parte do processo** ou, ainda, delegar essa parte a outros agentes da cadeia. Nesse sentido, quanto maiores forem as partes do sistema de produção desenvolvidas por outros (que não o próprio produtor), mais se distribui a renda ao longo da cadeia, diminuindo para quem produz. **Esse cálculo sempre tem que ser muito bem feito!**



COMUNICAÇÃO E MARKETING

Outro desafio que se apresenta na produção de ovos coloniais está na comunicação com os consumidores, no marketing e na propaganda do produto. Considera-se indispensável **investir nas mídias sociais gratuitas, tais como canal de youtube, redes sociais da propriedade e grupos** para divulgar os compromissos assumidos pelo sistema de produção. Estabelecer esses canais de comunicação pode ser uma boa estratégia de divulgação.

Para isso, a principal informação a ser comunicada está relacionada ao **diferencial do processo de produção colonial/caipira**. Essas informações devem dialogar com os materiais de promoção dos produtos, conforme demonstra a **figura 12**. Este rótulo pertence a **Boutique da Colônia**, estabelecimento rural que compõe a Polifeira do Agricultor e que, a partir de 2019, se tornou o primeiro estabelecimento de Santa Maria a ter carne de frango com esse distintivo de colonial.

PRODUTO DE SANTA MARIA
Serviço de Inspeção Municipal
S.I.M - 027/36
INSPECIONADO

REGISTRADO NO SERVIÇO DE INSPEÇÃO MUNICIPAL
SOB Nº027/36 / INDÚSTRIA BRASILEIRA

Frango Colonial

Boutique da Colônia
PRODUTOS COLONIAIS & NATURAIS

INFORMAÇÃO NUTRICIONAL
Porção de 65g (2 fatias)***

Quantidade por porção		%VD(*)
Valor Energético	125 Kcal = 525 kJ	6%
Carboidratos	0g	0%
Proteínas	12g	16%
Gorduras Totais	8,5g	15%
Gorduras Saturadas	2,6g	12%
Gorduras Trans	0g	**
Fibra Alimentar	0g	0%
Sódio	49mg	2%

(*) % Valores Diários de referência com base em uma dieta de 2000 Kcal ou 8400 kJ. Seus Valores diários podem ser maiores ou menores dependendo de suas necessidades energéticas. (**) %VD não estabelecido. (***) Os dados são referentes à porção comestível e podem variar dependendo do corte. A fração pode variar conforme o peso do produto.

O PRODUTO DEVE SER PESADO NA PRESENÇA DO CONSUMIDOR

ESTE ALIMENTO SE MANUSEADO INCORRETAMENTE E OU CONSUMIDO CRU PODE CAUSAR DANOS À SAÚDE. PARA SUA SEGURANÇA SIGA AS INSTRUÇÕES ABAIXO:

- MANTENHA REFRIGERADO OU CONGELADO. DESCONGELE SOMENTE NO REFRIGERADOR OU NO MICRO-ONDAS.
- MANTENHA O PRODUTO CRU SEPARADO DE OUTROS ALIMENTOS. LAVE COM ÁGUA E SABÃO AS SUPERFÍCIES DE TRABALHO (INCLUINDO AS TABUAS DE CORTE), UTENSÍLIOS E MÃOS DEPOIS DE MANUSEAR O PRODUTO CRU.
- CONSUMA SOMENTE APÓS COZIDO, FRITO OU ASSADO COMPLETAMENTE.
- APÓS ABERTO CONSUMIR EM ATÉ 24HORAS.

ABATIDO POR: Avisui Alimentos Agroindústria de Aves e Suínos (SIM 027) para Julio Cesar Carvalho (Boutique da Colônia) I.E. 1091134658 (55) 9 9631.2749

SAZÃO DO SÓCIO

POLIFEIRA DO AGRICULTOR

NÃO CONTÉM GLÚTEN

MANTENHA REFRIGERADO ENTRE 0°C e 4°C

PESO DA EMBALAGEM 10g

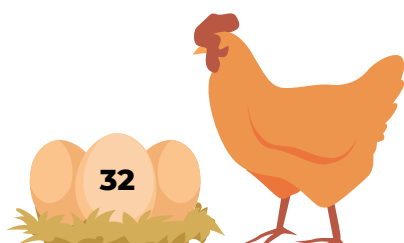
COXA E SOBRECOXA

ASAS

PEITO

Figura 12: Rótulo da carne de Frango Colonial, produzido pela Boutique da Colônia. Fonte: Projeto Polifeira do Agricultor.

Diferentemente de um sistema de produção industrial, as galinhas podem exercer atividades naturalmente, expressar suas características fisiológicas, podendo ciscar, tomar banho de terra, cantar, correr, pegar sol, vento, chuva a sua escolha, bater as asas, etc, na qual o ambiente propicia a felicidade e o bem estar das aves, estando ao ar livre.



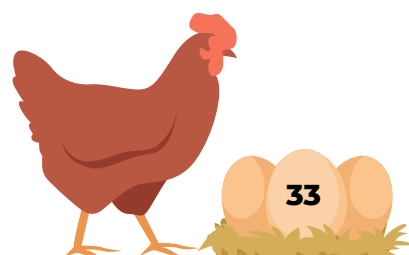
Assim, o desafio é **promover reflexões em torno do diferencial de que esse bem estar animal leva a uma melhor saúde das aves**, diminuição de insumos industriais e produção de alimentos com uma qualidade superior.

Nesse sentido, configura-se importante oportunizar e **criar espaços de discussão e reflexão, tais como eventos, oficinas** para incentivar os consumidores a conhecerem o produto que estão adquirindo, sua origem, bem como, espaços direcionados aos próprios agricultores a entender o processo e estratégias de venda do alimento. Por exemplo, criar espaços para degustação nas opções de mercado para comercialização do ovo, promovendo assim, o diálogo entre as formas de produção e o consumidor. Ou ainda, fazer uma oficina de quebra de ovos e fritura comparando a cor da gemas de ovos industriais com de aves soltas no campo. Os consumidores poderão constatar que as aves soltas tem a gema muito mais amarela, rica em carotenos do que os ovos convencionais, como pode ser conferido na **Figura 13**.



Figura 13: Ovos cozidos e partidos ao meio de galinhas criadas no sistema colonial com piquetes - Granja Avícola Agudense. Fonte: Arquivo pessoal de Leandro Magon.

Ainda se tem o desafio de aproveitar a comunicação para **refletirmos sobre como o sistema agroalimentar é construído** e o que está por trás dos alimentos até chegarem nas mesas dos consumidores.



A grande maioria dos alimentos viajam longas distâncias e não são produzidos em nossa região, ou seja, promovem economias distantes. Se visitarmos um supermercado e olharmos para as prateleiras nos daremos conta disso. A **grande maioria dos nossos agricultores são pequenos**, produzem pequenas quantidades e não chegam ao ponto de acessar esses supermercados, que exigem regularidade e padronização.

Essa informação precisa ser melhor trabalhada junto aos consumidores, no sentido de provocá-los a pensar no local e nas pessoas que estão no entorno. As decisões alimentares dos consumidores no exercício de sua liberdade de escolha dos alimentos podem influenciar e impactar a vida das pessoas. Precisamos **evocar essa responsabilidade e solidariedade**, especialmente em tempos que tem suscitado a responsabilidade de **apoiar famílias rurais e pequenos agricultores**.

Portanto, além das redes sociais, como mencionado, é importante ter uma **rotulagem e embalagens que acompanhem o posicionamento e as práticas de uma produção diferenciada**. Essa produção diferenciada não pode ficar na embalagem, mas refletida nas práticas tomadas pelos agricultores em relação ao sistema de produção.

A seguir, apresentamos as rotulagens das **embalagens de ovos da Coopercedro (Figura 14) e do Projeto Polifeira do Agricultor (Figura 15)**. O Projeto Ovos Coloniais da Região Centro sugere a criação de rotulagem própria para os ovos coloniais de galinhas livres de gaiola e acesso a piquetes, que além de promover os diferenciais do produto também possibilitem competir em igualdade de design com as outras marcas já estabelecidas no mercado. A embalagem dos Ovos Coloniais da Polifeira e da Coopercedro foi uma criação do Diretor de Arte Fabrício Medeiros, com a supervisão da Publicitária Mara MatiuZZi Kunzler.



Figura 14: Rótulo dos ovos coloniais marca Coopercedro.
Fonte: Projeto Polifeira do Agricultor.

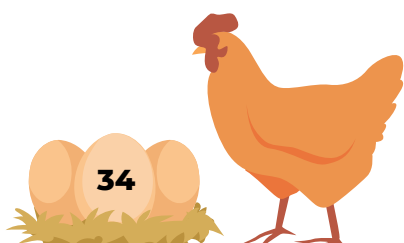
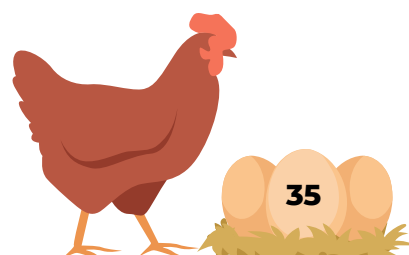




Figura 15: Rótulo dos ovos coloniais marca Polifeira do Agricultor.
Fonte: Projeto Polifeira do Agricultor.



O PROCESSO DE CADASTRO AVÍCOLA OU REGISTRO DE UMA GRANJA DE OVOS COLONIAIS

A legislação para registro de uma **Granja de Ovos Coloniais** parece complexa, mas não é. É necessário desmistificar isso!

Basicamente existem duas modalidades de regularização das criações:

a) Cadastro avícola: requerido para avicultores com até 1000 galinhas poedeiras, sendo isento de licenciamento ambiental;

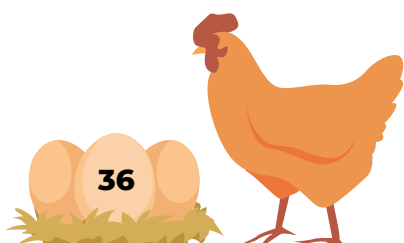
b) Registro avícola: requerido para avicultores que vão trabalhar com mais de 1.000 galinhas de postura, havendo necessidade de licenciamento ambiental (Resolução Consema 372/2018 - CODRAM 112,12).

RESPONSABILIDADE TÉCNICA E RELAÇÃO COM ÓRGÃOS DE FISCALIZAÇÃO E CONTROLE

É **obrigatório ter um médico veterinário** como responsável técnico tanto no aviário como nos entrepostos ou casa do ovo. Portanto, o agricultor que tenha interesse em entrar na atividade tem que considerar essa questão. A grosso modo, **a maior parte da garantia da qualidade sanitária do alimento vai se dar nas condições do sistema de criação.**

Para facilitar para os agricultores e para baixar custos na Região Central, a cooperativa Coopercedro tem buscado organizar os agricultores sobre um grupo de avicultores com um médico veterinário comum.

Também, **realizar uma análise ambiental** junto aos órgãos de Meio Ambiente se não há impedimentos (Área de Preservação Ambiental - APP muito próxima como nascente, área alagada, etc.) para a construção do estabelecimentos. Para aviários com menos de 1.000 aves há isenção ambiental, sendo não incidente (CODRAM 112,12 verificar no Anexo I na Portaria do Consema) e, também, para a Casa do Ovo caso seja construída também (Resolução CONSEMA 372 de 22 de Fevereiro de 2018 verificando no Anexo I) se o estabelecimento se encaixa em atividade licenciáveis de impacto local (isentas) ou de Impacto Estadual (Licenciáveis).



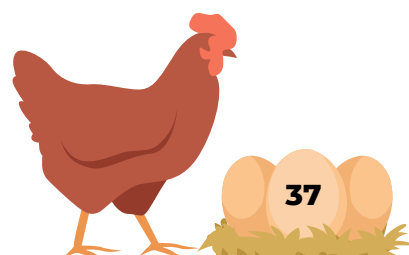
CONSTRUÇÕES E INSTALAÇÕES

A escolha do local deve ser em **perímetro rural**. Em áreas urbanas não se pode utilizar o bloco de produtor rural e haverá inconvenientes futuros com vizinhos como odores, mau cheiro, barulho, etc. Apesar de ter sido uma questão de entendimento diferenciado entre órgãos de controle, a **presença de árvores em torno dos aviários** sempre é importante, por permitir melhor qualidade em torno de conforto térmico para as aves. O ideal é que **não se trate de árvores frutíferas** e que posteriormente possam atrair aves silvestres. Exceto pastagens e hortaliças, é vedado qualquer tipo de alimentação que possa atrair aves silvestres para o local e que possa ser origem de doenças, especialmente **Salmonelose, Leptospirose, Newcastle e Influenza**.

Como já mencionado, outra questão importante é sobre a **disponibilidade de água para as aves**. Essa deve ser **potável** e ainda **passar por desinfecção** (cloração, etc). Recomenda-se uma caixa de água exclusiva para as aves, com implantação de um clorador no acesso da água até a caixa, conforme demonstra a figura a seguir. A água somente deve ser **fornecida no interior do aviário**, sendo vedada a disponibilização no interior dos piquetes, quer seja por meio de poças de água, acumuladas por chuvas. No encaminhamento do registro do galpão será necessário providenciar uma **análise de água** em laboratório credenciado para esse tipo de serviço.



Figura 16: Clorador no acesso da água para o aviário do Sítio Olho D'Água - Jari/RS. Fonte: Arquivo pessoal de Gustavo Pinto da Silva.



Com relação ao **pé direito**, sugere-se de **3 a 3,5 metros** para não correr o risco do excesso de calor no verão. A tendência atual de **telhado** é que ao invés de investir em telha de barro ou brasilit, que necessita muita madeira de sustentação, se tem optado pelo **uso do aluzinco**, por ser leve e também propiciar um bom conforto térmico.

O aviário deve ter **paredes laterais com muretas de 50 cm**, continuada até o teto por tela de tamanho **mínimo de 2,5 cm x 2,5 cm**, que impedem a entrada de aves silvestres e contribuem com a segurança sanitária. Da mesma forma, precisa atentar para o **fechamento de todos os orifícios**, de modo que não entrem pássaros dentro dos aviários, juntando bem as madeiras e fechando bem os espaços, conforme demonstra a figura a seguir.



Figura 17: Isolamento de possíveis entradas de pássaros ao interior dos aviários Fonte: Arquivo pessoal de Leandro Magon.

As **muretas** devem ser **chanfradas com ângulo de 45 graus** por dentro para que as aves não subam sobre elas, evitando o acúmulo de fezes nesses locais. No lado sul, de alguns projetos de galpões do Hemisfério Sul, de onde predominam ventos frios, a mureta tem sido feita mais alta (1,20 cm) já que a lona deste lado fica boa parte do tempo fechada ou pouco aberta.

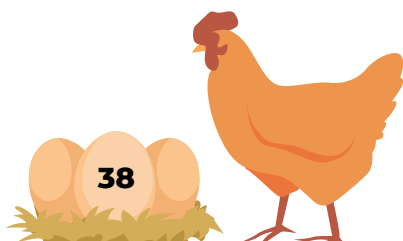


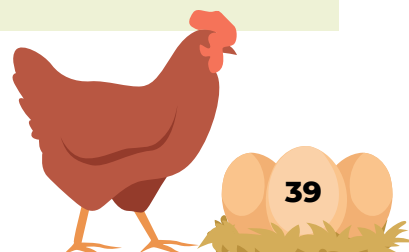


Figura 18: Muretas de um aviário para produção de ovos de galinhas coloniais Fonte: Arquivo pessoal de Leandro Magon.

Em uma das extremidades do aviário é recomendável ter uma **área para almoxarifado, depósito dos equipamentos e ração para as aves**. Pensando num futuro, sugere-se que seja feita de alvenaria, já que também pode ser transformada em casa do ovo, dependendo do entendimento do SIM de cada Município. Há necessidade de um **espaço específico para guardar documentos** de controles inerentes à criação, tais como planilha de controle de roedores, planilha de controle de visitas (proprietários, Responsável Técnico, estranhos) e planilha de controle de veículos que acessam a granja, como por exemplo o da **figura 19**.



Figura 19: Local destinado para armazenamento de documentos. Fonte: Arquivo pessoal de Gustavo Pinto da Silva.



Com relação aos **ninhos**, estes podem ser **duplos**, com as entradas pelos dois lados, conforme a figura 20, ou **simples**, com bocas só de um lado para serem colocados encostados em paredes ou contra a mureta. Em caso de ninhos simples, é importante evitar que fiquem presos nas paredes onde haja exposição solar, mesmo que seja por fora, já que pode favorecer o aquecimento dos ovos em dias de calor mais intenso.



Figura 20: Ninhos duplos de dois andares para aviários coloniais.
Fonte: Arquivo pessoal de Leandro Magon.

A maioria dos ninhos são construídos por meio de dois andares, mas também funcionam com três andares. O ideal é **disponibilizar um ninho de 40 x 40 cm para cada 8 aves**. Na construção, deve-se levar em conta que os ninhos precisam ser fechados no período noturno, como forma de impedir o acesso das aves, que ocasionalmente podem procurar para dormir. Para tanto, pode ser usada uma lona, como também uma travessa de madeira que, por vezes, pode ser o mesmo poleiro de acesso das aves para os ninhos. O mais importante é que haja esse impedimento do acesso às aves no período noturno.

Outra providência a ser tomada no aviário é a **disponibilização de poleiros** para as aves, já que elas tendem a querer subir sobre os ninhos, comedouros, muretas, dentre outros. Recomenda-se que a construção desses poleiros seja em espaços no interior do aviário ou encostado nas paredes, conforme demonstra a figura a seguir:

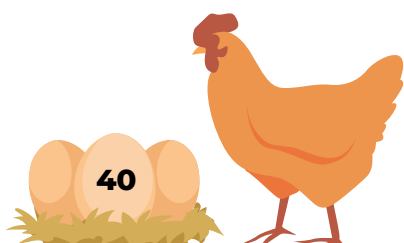


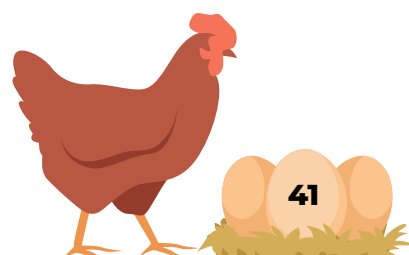


Figura 21: Poleiros encostados nas paredes do aviário. Fonte: Arquivo pessoal de Leandro Magon.

Deve-se ainda, ter **tela de isolamento sanitário externo** em torno do aviário de no mínimo de 1,5 metro de altura e distanciamento mínimo de 5 metros, como pode ser analisado na figura 22. A tela no aviário deve ter no máximo 1 polegada (2,54 cm) ou 2,5 cm x 2,5 cm.



Figura 22: Tela de isolamento do piquete e aviário. Fonte: Arquivo pessoal de Leandro Magon.



É indispensável ter **barreira sanitária na chegada do aviário** (ponto de água para lavar botas e pia para lavar mãos) evitando, assim, que visitantes e, até mesmo, funcionários levem doenças ou microorganismos para dentro do aviário. Em caso de aviários com mais de 1000 aves, também exige-se uma barreira sanitária para lavar veículos que ocasionalmente entre na área de produção como, por exemplo, transportando ração. Ainda como medida preventiva, é recomendável que sempre que chegar materiais de materiais na granja, esses sejam lavados e desinfetados de uma maneira que assegure a não entrada de doenças ou outros problemas que possam prejudicar as atividades da granja.

Outro item indispensável é um **bom controle de roedores**. Por mais que todos os cuidados de limpeza e organização das instalações colaborem com a redução desses animais indesejados, na medida em que existe depósito de ração, há uma tendência de que eles se dirijam para o aviário. Dessa forma, o estabelecimento de iscas no entorno vão colaborar no controle dessa praga que pode trazer doenças para as aves, tais como a leptospirose. Para pequenos aviários, o uso de canos de PVC de 100 mm com iscas têm sido suficientes para esse controle, conforme demonstra a figura 23.



Figura 23: Canos de PVC com iscas.
Fonte: Arquivo pessoal de Leandro Magon.

Deve ainda dispor de uma **composteira (figura 24)**, para destinar as aves mortas, a qual deve ser localizada dentro do cercamento do piquete, de modo que permita o acesso sem a necessidade do avicultor em sair para fora da área. Também, o ideal é **planejá-la com divisórias**, como exemplificado pela figura 24. Posteriormente, o material composto, deve ser sempre retirado da composteira a partir da área externa. O ideal é que seja **o mais distante possível e que os ventos predominantes não levem o odor para as residências ou para o aviário**.

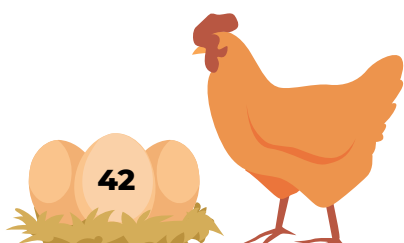




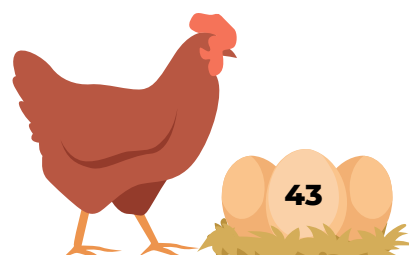
Figura 24: Imagem de uma composteira no cercado do aviário.
Fonte: Arquivo pessoal de Leandro Magon.



Figura 25: Imagem interna das divisórias de uma composteira.
Fonte: Arquivo pessoal de Leandro Magon.

PROCESSO DE REGISTRO

As informações disponibilizadas neste item foram retiradas do site da **Secretaria de Agricultura, Pecuária e Desenvolvimento Rural, do estado do Rio Grande do Sul, em acordo com o Programa Estadual de Sanidade Avícola (PESA)**. É passível de modificação, mas são aquelas que estão em vigor no momento da produção desse material.



Visando o **Registro de Granjas Comerciais**, foram pontuados, na sequência, os **documentos necessários**, para melhor melhor agilizar o processo de registro por parte dos produtores interessados. Destaca-se que há uma lista de formulários a serem preenchidos e que podem ser acessados diretamente pelo [link](#) e clicando em “Registro de Granjas Comerciais”. Vejamos o ordenamento da estrutura documental visando a abertura de processo de **Registro de Granja Avícola**:

01º) Formulário de Rosto: “ANEXO I-A”. Seu objetivo é **identificar o tipo de exploração**, que no caso é estabelecimento comercial, e a finalidade é o registro da granja.

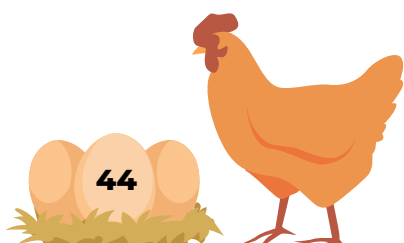
- ▶ Link para acessar o [formulário](#)
- ▶ Instrução para preenchimento do [Anexo I-A](#)

02º) Formulário: ANEXO II-B. Seu objetivo é **identificar e qualificar o estabelecimento**, no que concerne sua composição, ou seja, quanto aos produtores, sócios ou empresas participantes da mesma atividade de exploração avícola e que, portanto, devem compartilhar o mesmo Registro.

- ▶ Link de acesso ao [formulário](#)
- ▶ [Instrução de preenchimento](#)

03º) AR - “Avaliação de Risco” Sanitário. Exclusivamente para os casos de instalação de granjas novas, ampliações de granjas novas ou pré-existentes não registradas localizadas num raio superior a 01 quilômetro, porém inferior à 03 quilômetros de distância de um estabelecimento de REPRODUÇÃO já instalado.

- ▶ Formulário [“Avaliação de Risco” Granja PREEXISTENTE](#).
- ▶ Formulário [“Avaliação de Risco” Granja PREEXISTENTE com Ampliação](#).
- ▶ Formulário [“Avaliação de Risco” Granja NOVA](#).



04º) Formulário(s) de [Cadastro de Produtor](#) (por produtor, se for o caso) no Departamento de Defesa Agropecuária.

05º) Formulário(s) de [Cadastro do produtor para Agronegócio de Aves](#) (por Produtor, se for o caso).

06º) Documento “ANEXO III-A”: Requerimento para Registro de Estabelecimento Avícola. **Objetiva registrar junto ao Programa de Sanidade Avícola do RS (PESA)** como estabelecimento de postura, frango de corte, etc. (cabe ao produtor especificar).

07º) Documentos relativos ao vínculo e Registro no órgão de Inspeção de Produtos de Origem Animal (exclusivo para postura comercial). Objetiva orientar o produtor sobre os documentos a serem entregues na Inspetoria, em duas vias, para registro de granjas, troca de titulares, ampliação da estrutura, inclusão de novo sócio, etc.. Para acessar a planilha de documentos para cada uma das especificidades, basta clicar no [link](#).

08º) Fotocópia do RG com CPF, ou de ambos, (por Produtor, se for o caso). No caso de “Pessoa Jurídica”, cópia da inscrição do CNPJ junto à Receita Federal;

09º) Comprovante da “Inscrição Estadual” vinculada à localização do estabelecimento avícola: Extrato da SEFAZ ou cópia do bloco do produtor (por produtor, se for o caso);

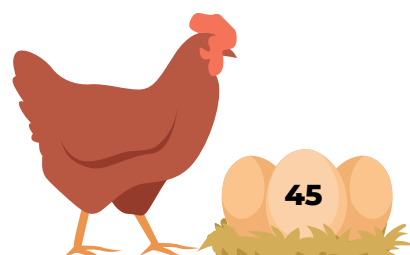
10º) Cópia em papel tamanho “A4” com a imagem do “google Earth”. Com o objetivo de referenciar e localizar a granja no mapa, por satélite;

11º) Planta de localização da propriedade. Tem por finalidade demonstrar as instalações, estradas, cursos d’água, propriedades limítrofes e suas respectivas atividades;

12º) Planta baixa das instalações. Objetivando a apresentação de toda a infraestrutura instalada para o aviário;

13º) Análise microbiológica da água, na qual objetiva a certeza de disponibilidade e oferta de água limpa, potável e sem sujeiras;

14º) [Memoriais descritivos](#): Com o objetivo de **apresentar a descrição do manejo adotado**, descrição das barreiras naturais, descrição das barreiras físicas, descrição do controle do acesso e fluxo de trânsito, descrição da localização e isolamento das instalações, descrição dos cuidados com a ração e água, descrição do programa de saúde avícola, plano de contingência e plano de capacitação de pessoal.

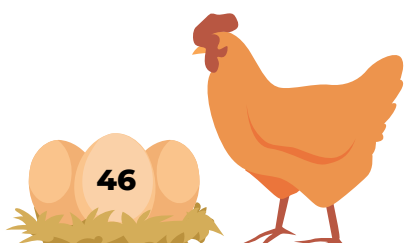


15º) [Declaração do Médico Veterinário Responsável Técnico por Estabelecimento Avícola](#), ou seja, com o nome de todos os produtores ou sócios da granja num único documento, se for o caso. Tal declaração afirma que tem um médico veterinário responsável pela granja.

16º) [Laudo prévio ou Check List do Responsável Técnico](#). Documento que objetiva a **comprovação das adequações físicas na granja**, devidamente assinado pelo Responsável Técnico.

Definir no nome de quem vai ser a granja e se vai ser através do bloco do produtor (melhor via bloco para não perder a condição de se aposentar como produtor rural) ou CNPJ.

Realizar visita a Inspetoria de Defesa Agropecuária (IDA) para buscar maiores informações e os formulários que deverão ser preenchidos e os demais documentos que deverão ser feitos seja pelo produtor (Cadastro de produtor e cadastro de agronegócio, etc) e outros com a ajuda do Responsável técnico (Termo do Responsável Técnico, Check List do Responsável Técnico, Memorial descritivo de manejo e higiene, controle de roedores, coletas de material como água e ovos, etc).



A ESTRUTURAÇÃO DA PRODUÇÃO DE OVOS COLONIAIS NA REGIÃO DE SANTA MARIA - RS

A avicultura colonial da região é formada por empreendedores que saem um pouco do modelo de integração como comumente se organiza a avicultura de postura. Todavia, existem produtores que produzem em um sistema industrial, sistema livres de gaiola e também o colonial/caipira. Cada um desses segmentos organiza sua relação com os consumidores de maneira diferente.

Mesmo que haja iniciativas de produção em maior escala, a exemplo da Granja São Pedro de São Pedro do Sul e da Granja Avícola Trevisan de Faxinal do Soturno, a produção é muito pequena frente à demanda que pode ser atendida desde que seja bem organizado o processo de comercialização.

AS UNIDADES DE INSPEÇÃO

A região se organiza atualmente por meio de **três unidades de inspeção** voltadas para essa produção colonial, sendo **uma casa de Ovo em Agudo e dois entrepostos de ovos em Santa Maria**.

A casa de ovo (figura 26 e figura 27), atende somente a produção da Granja Avícola Agudense, que se trata do primeiro estabelecimento liberado nessa área em Agudo-RS. O município destaca-se também pelo **Programa Municipal de Avicultura Colonial de Agudo (Proaves)**, liderado pela Prefeitura Municipal de Agudo e Escritório Municipal da Emater-RS/ASCAR. Os participantes recebem **incentivo de 50% do valor da inscrição no curso** de Avicultura Colonial do Centro de Treinamento da Emater/RS-ASCAR de Canguçu, podendo também receber incentivos, como horas máquinas, assistência veterinária e acompanhamento da equipe técnica.



Figura 26: Vista interna da Casa do Ovo da Granja Avícola Agudense, anexa ao aviário. Fonte: Arquivo pessoal de Gustavo Pinto da Silva.

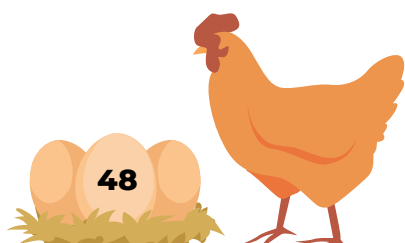


Figura 27: Casa do ovo junto ao aviário, porém separado as entradas e comunicando-se apenas por óculo. Fonte: Arquivo pessoal de Gustavo Pinto da Silva.

O Entrepasto de Ovos Granja Quarta Colônia (figura 28) atende a produção da granja, mas também de associados da Coopercedro. A Cooperativa **disponibiliza o serviço de um responsável técnico** que orienta todas as granjas vinculadas, além de apoiar o serviço de comercialização.



Figura 28: Entrepasto de Ovos Granja Quarta Colônia. Fonte: Arquivo pessoal de Leandro Magon.



O **Entreposto de Ovos do Colégio Politécnico da UFSM (figura 29)** vem sendo organizado como projeto de extensão, numa parceria entre Universidade Federal de Santa Maria, Serviço de Inspeção Municipal de Santa Maria e Embrapa Clima Temperado. O objetivo primeiro era fomentar a produção de ovos visando atender a Polifeira do Agricultor, mas hoje vislumbra **atender a produtores que buscam acessar outros mercados com alimentos diferenciados**. O projeto **disponibiliza assessoria** desde as questões vinculadas ao estabelecimento da granja, nas questões de produção e também nas questões técnicas.



Figura 29: Entreposto de Ovos do Colégio Politécnico da UFSM. Fonte: Arquivo pessoal de Gustavo Pinto da Silva.

AS UNIDADES DE PRODUÇÃO

A maioria dos estabelecimentos produtores estão em fase de implantação. Alguns já com aves alojadas; outros em fase de conclusão das obras físicas, ou esperando liberação dos órgãos de controle. Na sequência, estão listadas as iniciativas existentes, bem como localização, número de Aves, linhagem, sistema de criação e canais de mercados que se busca participar.

Granja Avícola Agudense

Proprietário (a): Luciane Wilhelm

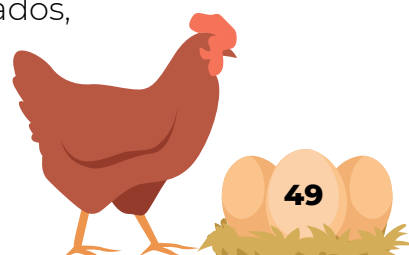
Localização: RSC 348, Cerro Chato, Agudo - RS.

Número de Aves: 600

Linhagem: Embrapa 051

Sistema de criação: sistema livre de gaiolas, com acesso a piquetes.

Tipo de canal de comercialização: feiras livres, supermercados, lanchonetes, restaurantes.



Quinta do Gama

Proprietário: José Sidiney Silveira

Localização: São José da Porteira, Dilermando de Aguiar

Número de Aves: 500 aves

Linhagem: Hisex

Sistema de criação: sistema livre de gaiolas, com acesso a piquetes.

Canais de comercialização: feira livre.

Granja Ovos do Sítio

Proprietário: Loacir Reus Avozani

Localização: Sítio dos Mellos - Faxinal do Soturno

Número de aves: 600

Linhagem: ainda não alojou.

Sistema de criação: sistema livre de gaiolas, com acesso a piquetes.

Canais de comercialização: Supermercados, lanchonetes, mercados institucionais.

Granja São Paulo

Proprietário: Leonardo Ferreira de Vargas

Localização: Formigueiro - RS

Número de aves: 1000

Linhagem: Isabrown

Sistema de criação: sistema livre de gaiolas, com acesso a piquetes.

Canais de comercialização: supermercados, lanchonetes, mercados institucionais.

Granja Ninho de Ouro

Proprietário: Claiton Da Silva Ouriques

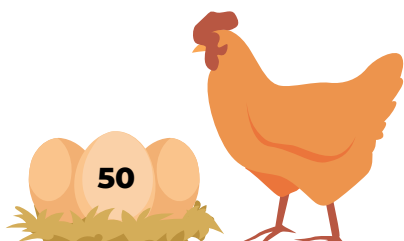
Localização: Formigueiro - RS

Número de aves: 1.000

Linhagem: Isabrown

Sistema de criação: sistema livre de gaiolas, com acesso a piquetes.

Canais de comercialização: supermercados, lanchonetes, mercados institucionais.



Granja Quinta Dom Guilherme

Proprietário: Alessandro Guilherme da Rosa Flores

Localização: Estrada dos Cauduros, Itaara - RS

Número de aves: 600

Linhagem: NovoGen Brown

Sistema de criação: sistema livre de gaiolas, com acesso a piquetes.

Canais de comercialização: Coopercedro, venda direta e estabelecimentos comerciais de Santa Maria.

Sítio Olho D'Água

Proprietário: Zeno Almeida da Silva

Localização: Rincão de Santo Antônio, Jari - RS

Número de aves: 300

Linhagem: Hisex

Sistema de criação: sistema livre de gaiolas, com acesso a piquetes.

Canais de comercialização: lojas especializadas; cestas; direto ao consumidor.

Granja PV

Proprietário: Jorge Elias Carneiro Vizzotto

Localização: Restinga Seca- RS

Número de aves: 900

Linhagem: Dekalb Brown

Sistema de criação: sistema livre de gaiolas, com acesso a piquetes.

Canais de comercialização: Coopercedro e comércio local

Granja Quarta Colônia

Proprietária: Aline da Rosa Gomes

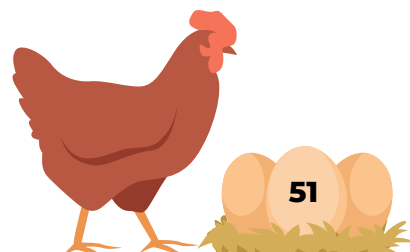
Localização: Arroio Grande, distrito de Santa Maria.

Número de Aves: Acima de 1.000 aves

Linhagem: Hi Lyne Brown

Sistema de criação: sistema livre de gaiolas, sem acesso a piquetes.

Tipo de canal de comercialização: supermercados, lanchonetes, mercados institucionais.



Granja Novo

Proprietário (a): José Tadeu Dos Santos Nunes

Localização: Estrada Velha - Boca do monte - Santa Maria

Número de aves: 1.000 aves

Linhagem: NovoGEN Brown Light

Sistema de criação: sistema livre de gaiolas, com acesso a piquetes.

Mercados: Exército e escolas via COOPERCEDRO (Cooperativa) e ponto de comercialização na BR 287.

Granja

Proprietário: Luiz Adolfo Bier

Localização: Passo do Verde, Santa Maria -RS

Número de aves: 1.000

Linhagem: Hi Lyne

Sistema de criação: sistema livre de gaiolas, com acesso a piquetes.

Canais de comercialização: supermercados, venda direta, dentre outros.

Granja

Proprietário: João Paulo

Localização: Santo Antão, Santa Maria -RS

Número de aves: 600

Linhagem: Hissex

Sistema de criação: sistema livre de gaiolas, com acesso a piquetes.

Canais de comercialização: Supermercados, lanchonetes, mercados institucionais.

Granja Do Vale

Proprietário: Nadir Soares Pozzebon

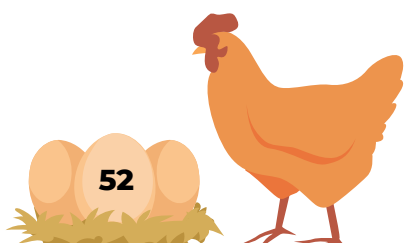
Localização: Vale Vêneto - São João do Polêsine

Número de aves: 200

Linhagem: ainda não alojou.

Sistema de criação: sistema livre de gaiolas, com acesso a piquetes.

Canais de comercialização: Venda em feiras livres, na propriedade rural e mercados institucionais.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, M. dos S.; ZAFFARI, S.; HÜBSCHER, G. H. O ovo e sua contribuição na saúde humana. Revista Saúde e ambiente / Health and Environment Journal, v. 10 n. 1, jun, 2009. 47 – 55 p.

AMARA, G. et al. Avicultura de postura: estrutura da cadeia produtiva, panorama do setor no Brasil e no mundo e o apoio do BNDES. Agroindústria, BNDES Setorial 43, 2016. 167-207 p.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Instrução normativa nº 46, de 06 de outubro de 2011. Estabelece o Regulamento Técnico para os Sistemas Orgânicos de Produção Animal e Vegetal. Publicada no Diário Oficial da União em 7 de outubro de 2011. Disponível em: <encurtador.com.br/loNZ1>.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Instrução Normativa nº 36, de 06 de dezembro de 2012. Publicado no Diário Oficial da União nº 236, de 7 de dezembro de 2012. Disponível em: <https://www.avisite.com.br/legislacao/anexos/20121012_in20120612.pdf>.

CUNHA, D. de S. et al. Qualidade interna e externa de ovos caipiras comercializados em feiras da cidade de São Luís, MA, Brasil. In: II Congresso Internacional das Ciências Agrárias. COINTER, 2017.

GALVÃO, D. Qual a diferença entre ovo caipira, de granja, orgânico e “de galinhas livres”. Época. 2017.

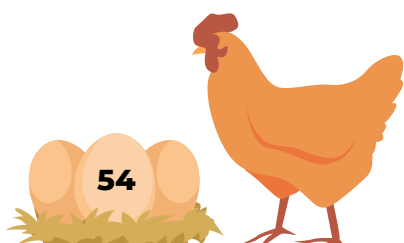
MELCHIOR, R; PIRES, P. G. da S. Consumo e perfil do consumidor de ovos do Rio Grande do Sul. Ovos, RS. ed. 12. Ano 5. Porto Alegre: Associação gaúcha de Avicultura, 2019.

OLIVEIRA, C. E. A. de. et al.. Criações alternativas de aves. Circular Técnica n. 15. Araxá: Instituto de ciências da saúde, agrárias e humanas (ISAH), 2015. Disponível em: <<http://site.uniaraxa.edu.br/wp-content/uploads/2015/12/9369-circular-aves.pdf>>.

OVOS e derivados. Secretaria da Agricultura, Pecuária e Desenvolvimento Rural. Departamento de defesa agropecuária. Disponível em: <<https://www.agricultura.rs.gov.br/registro-de-estabelecimentos-2016-07>>. Acesso em 14 set. 2020.

PESA, Programa Estadual de Sanidade Avícola. Secretaria da Agricultura, Pecuária e Desenvolvimento Rural. Departamento de defesa agropecuária. Disponível em: <<https://www.agricultura.rs.gov.br/pesa>>. Acesso em 13 de set. de 2020.

SANTOS, F. R. et al. Qualidade e composição nutricional de ovos convencionais e caipiras comercializados em Rio Verde, Goiás. PUBVET, Londrina, V. 5, N. 35, Ed. 182, Art. 1228, 2011.



Gustavo Pinto da Silva

Zootecnista, Mestre e Doutor em Extensão Rural, Professor de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria. [E-mail](#)

Leandro Magon

Médico Veterinário, consultor e assistente técnico na Área Avícola.
Coordenador do Serviço de Inspeção Municipal de São Pedro do Sul.

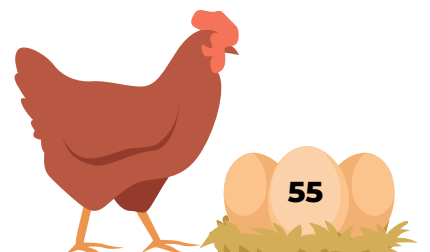
[E-mail](#)

Gisélia Pereira Morin

Técnica em Agropecuária; Estagiária no Projeto Polifeira do Agricultor e Bolsista do projeto de Extensão Ações de Abastecimento, Soberania e Segurança Alimentar na Região Central do Rio Grande do Sul no ano de 2020. [E-mail](#)

Cristiano de Ávila Dotto

Técnico Administrativo em Educação do Colégio Politécnico da UFSM, Coordenador do Projeto Ovos Coloniais. [E-mail](#)





O **Colégio Politécnico da UFSM** é uma Instituição voltada para o Ensino Técnico e Tecnológico, focado na prática profissional, necessitando de ações e práticas efetivas junto aos setores produtivos locais.

A interação proporcionada por estas ações resulta no **desenvolvimento regional** pela viabilização das atividades produtivas, aliado ao conhecimento prático experimentado pelos alunos.

A produção de ovos coloniais, a partir de aves que vivem em ambientes adequados, proporciona bem estar aos animais e um alimento de alta qualidade para o consumidor, agregando valor e renda ao produtor.

Que a produção seja farta e o omelete saboroso!

Valmir Aita
Diretor do Colégio Politécnico da UFSM
